

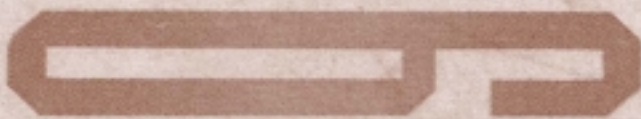
KLAXON

mensário
de arte
moderna

S O P U G O

Última edição da revista modernista *Klaxon*.
Capa do poeta Guilherme de Almeida, 1923.

N
110



Poesia

GUILHERME DE ALMEIDA

O indiferente

Ele passou no meu caminho,
por acaso...
Morria um lírio, alvo e sozinho,
no meu vaso;
rolava a tarde pela face
do sol-posto,
como uma lágrima que andasse
pelo rosto...
E ele não viu que desse pobre
lírio doente
vinha este luto que me cobre
tristemente;
e que essa tarde era tão cheia
de amargura,
porque em meus olhos espelhei-a
com ternura...

Guilherme de Almeida (1890-1969), poeta, jornalista e crítico autor de obras de poesia, ensaios e crônicas, como *Nós* (1917), *A dança das horas* (1919), *Meu e Raça* (1925), e tradutor de Baudelaire e Verlaine. Ocupou a Cadeira 15, que fora de Olavo Bilac, e como ele foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Nem viu que eu via, no seu vulto
 longo e lento,
o céu que o amor traz sempre oculto
 num momento;

que estas olheiras de saudades
 são exílios,
prendendo os olhos entre as grades
 dos meus cílios;

que a sua sombra, pela estrada,
 sobre a alfombra,
era minha alma disfarçada
 numa sombra;

que o coração, no seu compasso
 contrafeito,
marcava o ritmo do seu passo
 no meu peito;

que era o meu hálito sem calma
 todo o encanto
da viração, que punha uma alma
 no seu manto...

.....

Mulheres... Movem-se como uma
 pluma ao vento...
Mas – ah! – quem é que empresta à pluma
 movimento?

Se o vento passa, a pluma faz-se
 de inconstante...
Mas fica a pluma: o vento... vai-se
 num instante!

(Toda a poesia)

MÁRIO DE ANDRADE

Noturno de Belo Horizonte

a Elysio de Carvalho

(1924)

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,

Calma do noturno de Belo Horizonte...

O silêncio fresco desfolha das árvores

E orvalha o jardim só.

Larguezas.

Enormes coágulos de sombra.

O polícia entre rosas...

 Onde não é preciso, como sempre...

Há uma ausência de crimes

Na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguém.

O monstro desapareceu.

Só as árvores do mato-virgem

Pendurando a tapeçaria das ramagens

Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...

Todas as idades humanas

Macaqueadas por arquiteturas históricas

Mário de Andrade (1893-1945), poeta, ficcionista, musicista, esteta, crítico de artes e letras, exerceu papel de relevo na revolução modernista, como guia e orientador das gerações intelectuais que lhe sucederam, pelo que ficou conhecido como o papa do Modernismo

Torres torreões torrinhas e tolices
Brigaram em nome da?
Os mineiros secundam em coro:
– Em nome da civilização!
Minas progride.
Também quer ter também capital moderníssima também...
Pórticos gregos do Instituto de Rádio
Onde jamais Empédocles entrará...
O Conselho Deliberativo é manuelino,
Salão sapiente de Manuéis-da-hora...
Arcos românicos de São José
E a catedral que pretende ser gótica...
Pois tanto esquecimento da verdade!
A terra se insurgiu.

O mato invadiu o gradeado das ruas,
Bondes sopesados por troncos hercúleos,
Incêndio de Cafés,
Setas inflamadas,
Comboio de trânsfugas pra Rio de Janeiro,
A ramaria crequenta cegando as janelas
Com a poeira dura das folhagens...
Aquele homem fugiu.
A imitação fugiu.
Clareiras do Brasil, praças agrestes!...
Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.
Suor de resinas opulentas.
Grupos de automóveis.
Baitacas e jandaias do rosal.
E o noturno apagando na sombra o artifício e o defeito

Adormece em Belo Horizonte
Como um sonho mineiro.
Tem festas do Tejuco pelo céu!
As estrelas baralham-se num estardalhaço de luzes.
O sr. barão das Catas-Altas
Reúne todas as constelações
Pra fundir uma baixela de mundos...
Bulício de multidões matizadas...
Emboabas, carijós, espanhóis de Filipe IV...
Tem baianos redondos...
Dom Rodrigo de Castel Branco partirá!...
Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...
O Triunfo Eucarístico abala chispeando...
Os planetas comparecem em pessoa!
Só as magnólias – que banzo dolorido! –
As carapinhas fofas polvilhadas
Com a prata da Via-Látea
Seguem pra igreja do Rosário
E pro jongo de Chico-Rei...

Estrelas árvores estrelas
E o silêncio fresco da noite deserta.
Belo Horizonte desapareceu
Transfigurada nas recordações.

...Minas Gerais, fruta paulista...
Ouvi que tem minas ocultas por cá...
Mas ninguém mais conhece Marcos de Azevedo,
Quedê os roteiros de Robério Dias?

Prata

Diamantes cascadeantes
Esmeraldas esmeraldas esperanças!...

Não são esmeraldas, são turmalinas bem se vê:

A casinha de taipa a beira-rio.
Canoa abicada na margem,
A bruma das monções,
Mais nada.
Os galhos lavam matinalmente os cabelos
Na água barrenta indiferente.
As ondas sozinhas do Paraíba
Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.
E a febre...

Não sejamos muito exigentes.
Todos os países do mundo
Têm os seus Guaicuí emboscados
No sossego das ribanceiras dolentes.
As carneiradas ficavam pra trás...
O trem passava apavorado.
Só parou muito longe na estação
Pra que os romeiros saudassem
Nosso senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos
Amarrado à cegueira.
Trazia só os mulambos necessários
Como convém aos santos e
Aos aventos.
Porém o netinho corria junto das janelas dos vagões
Com o chapéu do cego na mão.
Quando a esmola caía – com que triunfo! – o menino gritava:

– Pronto! Mais uma!
Então lá do seu mundo
Nosso Senhor abençoava:
– Boa viagem.
Examina a carne do teu corpo.
Apesar da perfeição das estradas-de-ferro
E da inflexível providência dos horários,
Encontros descarrilamentos mortes...
Pode ser!...
As esmolas tombavam.
– Pronto! Mais uma!
– Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...
Os mineiros pintam diariamente o céu de azul
Com os pincéis das macaúbas folhudas.
Olhe a cascata lá!
Súbita bombarda.
Talvez folha de arbusto,
Ninho de teneném que cai pesado,
Talvez o trem, talvez ninguém...
As águas se assustaram
E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,
Salta aqui salta corre viravolta pingo grito
Espumas brancas alvas
Fluem bolhas bolas,
Itoupavas altas...
Borbulham bulhando em murmúrios churriantes
Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas...

De supetão fosso.

Mergulho.

Uivam tombando.

Desgarram serra abaixo.

Rio das Mortes

Paraopeba

Paraíbuna,

Mamotes brancos...

E o Araçuí de Fernão Dias...

Barafustam vargens fora

Até acalmarem muito longe exânimes

Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo.

Rio São Francisco o marroeiro dos matos

Pariu levando o rebanho pro norte

Ao aboio das águas lentamente.

A barcaça que ruma pra Juazeiro

Desce ritmada pelos golpes dos remeiros.

Na proa, o olhar distante a olhar,

Matraca o dançador:

“Meu pangaré arreado,

Minha garrucha laporte,

Encostado no meu bem

Não tenho medo da morte.

Ah!...”

Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto

Varre Minas Gerais por toda a parte...

Um silêncio repleto de silêncio

Nas invernadas nos araxás

No marasmo das cidades paradas...
Passado a fuxicas as almas,
Fantasmas de altares, de naves doiradas
E dos palácios de Mariana e Vila Rica...
Isto é: Ouro Preto.
E o nome lindo de São José del Rei mudado num odontológico Tiradentes...
Respeitemos os mártires.

Calma do noturno de Belo Horizonte...
As estrelas acordadas encham de Ahs!... ecoantes o ar.
O silêncio fresco despenca das árvores.
Veio de longe, das planícies altas,
Dos cerrados onde o guache passa rápido...
Vvvvvv... passou.
Passou talqual o fausto das paragens de ouro velho...
Minas Gerais, fruta paulista...
Fruta que apodreceu.

Frutificou mineira! Taratá!
Há também colheitas sinceras!
Milharais canaviais cafezais insistentes
Trepadeirando morro acima.
Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebu!
Dizem que os baetas são agarrados...
Não percebi, graças a Deus!
Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.
Os pratos nativos são índices de nacionalidade.
Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem à francesa.
Et bien! Je vous demande un toutou!
Venha a batata doce e o torresmo fondant!
Carne-de-porco não!

O médico russo afirma que na carne-de-porco andam micróbios de loucura...
Basta o meu desvairismo!

E os pileques
 quási pileques
 salamaleques
 da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira!
Minas progride!
Mãos esqueléticas de máquinas britando minérios,
As estradas-de-ferro estradas-de-rodagem
Serpenteiam teosoficamente fecundando o deserto...

Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as outras.
São Paulo não é a única cidade arlequinal.
E há vida há gente, nosso povo tostado.
O secretário da Agricultura é novo!
Fábricas de calçados
Escola de Minas no palácio dos Governadores.
Na Casa dos Contos não tem mais poetas encarcerados,
Campo de futebol em Carmo da Mata,
Divinópolis possui o melhor chuveiro do mundo,
As cunhãs não usam mais pó de oiro nos cabelos,
Os choferes avançam no bolso dos viajantes,
Teatro grego em São João del Rei
Onde jamais Eurípidés será representado...
Ninguém mais pára nas pontes, Critilo,
Novidadeirando sobre damas casadas.
Tenho pressa! Ganhemos o dia!
Progresso! Civilização!

As plantações pendem maduras.
O morfético ao lado da estrada esperando automóveis...
Cheiro fecundo de vacas,
Pedreiras feridas,
Eletricidade submissa...
Minas Gerais sáxia e atualista
Não resumida às estações-termais!
Gentes do Triângulo Mineiro, Juiz de Fora!
Força das xiriricas das florestas e cerrados!
Minas Gerais, fruta paulista!...
Alegria da noite de Belo Horizonte!
Há uma ausência de males
Na jovialidade infantil do friozinho.
Silêncio brincalhão salta das árvores,
Entra nas casas desce as ruas paradas
E se engrossa agressivo na praça do Mercado.
Vento florido roda pelos trilhos.
Vem de longe, das grotas pré-históricas...
Descendo as montanhas
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Rola-Moça...

Estremeção brusco de medo.
Pavor.
Folhas chorosas de eucaliptos.
Sino bate.
Ninguém.
A solidão angustiosa dos píncaros...
A paz chucra ressabiada das gargantas da montanha...

A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...

Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E puseram-se de novo
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.
Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente ela atrás.
E riam. Como eles riam!
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não.

As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá em baixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo,
E riam. Como eles riam!

E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.

Eu queria contar as histórias de Minas
Pros brasileiros do Brasil...

Filhos do Luso e da melancolia,
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,
De norte e sul homens fluviais do Amazonas e do rio Paraná...
E os fluminenses salinos
E os guascas e os paraense e os pernambucanos
E os vaqueiros de couro das caatingas
E os goianos governados por meu avô...
Teutos de Santa Catarina,

Retirantes de língua seca,
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do Norte e do Espírito Santo
E do Acre, irmão caçula,
Toda a minha raça morena!
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Horizonte!
Sejam comedores de pimenta
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços petiços,
Vem, minha gente!
Bebedores de guaraná e de açaí,
Chupadores do chimarrão,
Pinguços cantantes, cafezistas ricaços,
Mamíferos amamentados pelos cocos de Pindorama,
Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco pelo céu!
Bárbara Heliodora desgrenhada louca
Dizendo versos desce a Rua Pará...
Quem conhece as ingratidões de Marília?
Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele mesmo
Que plantou a sua cruz no adro das capelas da serra!
Foi Ele mesmo que em São João del Rei
Esculpiu as imagens dos seus santos...
E há histórias também pros que duvidam de Deus...

O coronel Antônio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro do Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... – “Deve ser a algum plebeu, que não há moços nobres na cidade...” E o descendente de cavaleiros e de capitães-mores não quer saber do mésalliances. O coronel Antônio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no preso pra Baía onde foi decapitado. Pois dona Branca Ribeiro do Alvarenga reuniu todos os cabedais. Mandou construir com eles uma igreja pra que Deus perdoasse as almas pecadoras do marido e da filha.

Meus brasileiros lindamente misturados,
Si vocês vierem nessa igreja dos Perdões
Rezem três ave-marias ajoelhados
Pros dois desinfelizes.
Creio que a moça não carece muito delas
Mas ninguém sabe onde estará o coronel...
Credo!

Mas não há nada como histórias pra reunir na mesma casa...
Na Arábia por saber contar histórias
U'a mulher se salvou...
A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações americanas
Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão
Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais.
Nós somos na Terra o grande milagre do amor.

Que vergonha si representássemos apenas contingência de defesa
Ou mesmo ligação circunscrita de amor...
Porém as raças são verdades essenciais
E um elemento de riqueza humana.
As pátrias têm de ser uma expressão de Humanidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres
Bem mesquinhos exemplos de alma
Mas compreendidas juntas num amor consciente e exato
Quanta história mineira pra contar!

Não prego a guerra nem a paz, eu peço amor!
Eu peço amor em todos os seus beijos,
Beijos de ódio, de cópula ou de fraternidade.

Não prego a paz universal e eterna, Deus me livre!
Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa dos homens
E não me agradam os idealistas.
E temo que uma paz obrigatória
Nos fizesse esquecer o amor
Porque mesmo falando de relações de povo e povo
O amor não é uma paz
E é por amor que Deus nos deu a vida...
O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,
Porque é um complemento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!
E embora tão diversa a nossa vida
Dançamos juntos no carnaval das gentes,
Bloco pachola do “Custa mas vai!”

E abre alas que Eu quero passar!
Nós somos os brasileiros auriverdes!
Às esmeraldas das araras
Os rubis dos colibris
Os abacaxis as mangas os cajus
Atravessam amorosamente
A fremente celebração do Universal!

Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos-réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...

O bloco fantasiado de histórias mineiras
Move-se na avenida de seis renques de árvores...
O Sol explode em fogaréus...
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...
Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!
É o delírio noturno de Belo Horizonte...
Não nos esqueçamos da cor local:
Itacolomi... Diário de Minas... Bonde do Calafate...
E o silêncio... sio... sio... Quiriri...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.
Três horas.

A cidade oblíqua
Depois de dançar os trabalhos do dia
Faz muito que dormiu.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras.
De longe em longe gritam solitários brilhos falsos
Perfurando o sombral das figueiras:
Berenguendéns berloques ouropéis de Oropa consagrada
Que o goianá trocou pelas pepitas de oiro fino.
Dorme Belo Horizonte.
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras...
Não se escuta sequer o ruído das estrelas caminhando...
Mas os poros abertos da cidade
Aspiram com sensualidade com delícia
O ar da terra elevada.
Ar arejado batido nas pedras dos morros,
Varado através da água trançada das cachoeiras,
Ar que brota nas fontes com as águas
Por toda a parte de Minas Gerais.

(Poesias completas, 1955)



MENOTTI DEL PICCHIA

Germinal

I

Nuvens voam pelo ar como bandos de garças.
Artista boêmio, o sol, mescla na cordilheira pinceladas esparsas
De ouro fosco. Num mastro, apruma-se a bandeira
De S. João, desfraldando o seu alvo losango.

Juca Mulato cisma. A sonolência vence-o.

Vem, na tarde que expira e na voz de um curiango,
O narcótico do ar parado, esse veneno
Que há no ventre da treva e na alma do silêncio.

Um sorriso ilumina o seu rosto moreno.

No piquete relincha um poldro; um gala álaçre
Tatala a asa triunfal, ergue a crista de lacre,
Clarina a recolher; entre varas de cerdos,
Mexem-se ruivos bois processionais e lerdos
E, num magote escuro, a manada se abisma
Na treva.

Anoiteceu.

Juca Mulato cisma.

Menotti Del Picchia (1892-1988), poeta, editor, jornalista, pertence ao grupo que organizou a Semana de Arte Moderna de 1922. Sua poesia destaca o sentido nacionalista do Modernismo.

II

Como se sente bem recostado no chão!
Ele é como uma pedra, é como a correnteza,
Uma coisa qualquer dentro da natureza
Amalgamada ao mesmo anseio; ao mesmo amplexo;
A esse desejo de viver grande e complexo,
Que tudo abarca numa força de coesão.

Compreende em tudo ambições novas e felizes,
Tem desejo até de rebrotar raízes,
Deitar ramas pelo ar,
Sorver, junto da planta, e sobre a mesma leiva,
O mesmo anseio de subir, a mesma seiva,
Romper em brotos, florescer, frutificar!

III

“Que delícia viver! Sentir entre os protervos
renovos se escoar uma seiva alma e viva,
na tenra carne a remoçar o corpo moço...”

E um prazer bestial lhe encrespa a carne e os nervos,
Afla a narina; o peito arqueja; uma lasciva
Onda de sangue lhe incha as veias do pescoço...

Ei-lo, supino e só, na noite vasta. Um cheiro
Acre, de feno, lhe entorpece o corpo languê;
E no torso trigueiro,
Enroscam seus anéis serpentes de desejos
E um pubescente ansiar de abraços e de beijos

Incendeia-lhe a pele e estua-lhe no sangue.
Juca Mulato cisma.

Escuta a voz em coro
Dos batráquios, no açude, os gritos soluçantes
Do eterno amor dos charcos.

É ágil como um poldro e forte como um touro;
No equilíbrio viril dos seus membros possantes
Há audácias de coluna e a elegância dos barcos.

O crescente, recurvo, a treva, em brilhos frange,
E, na carne da noite, imerge-se e se abisma
Como, num peito etíope, a ponta de um alfange.
Juca Mulato cisma...

A natureza cisma.

IV

Aflora-lhe no imo um sonho que braceja;
Estira o braço; enrija os músculos; boceja;
Supino fita o céu e diz em voz submissa:
“Que tens, Juca Mulato?...” e, reboleado na erva,
sentindo esse cansaço irritante que o enerva,
deixa-se, mudo e só, quebrado de preguiça.

Cansado ele? E por quê? Não fora essa jornada
A mesma luta, palmo a palmo, com a enxada
A suster, no café, as invasões da aninga?
E, como de costume, um cálice de pinga,
Um cigarro de palha, uma jantinha à-toa,
Um olhar dirigido à filha da patroa?

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
Um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
O cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
O olhar indiferente
Da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa,
e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
Olha a mata; lá está! O horizonte lho esboça;
Presente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
E ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
Esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

V

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele, um desejo abre-se em flor e cresce
E ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
Que a alma é como uma planta, os sonhos como brotos,
Vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.
Mal se pode conter de inquieto e satisfeito.
Adivinha que tem qualquer coisa no peito,
E, às promessas do amor, a alma escancara ansiado,
Como os áureos portais de um palácio encantado!...

Mas, a mágoa que ronda a alegria de perto,
Entra no coração sempre que o encontra aberto...

Juca Mulato sofre... Esse olhar calmo e doce
Fulgiu-lhe como a luz, como a luz apagou-se.
Feliz até então, tinha a alma adormecida...
Esse olhar que o fitou, o acordou para a vida!
A luz que nele viu deu-lhe a dor que ora o assombra,
Como o sol que traz a luz e, depois, deixa a sombra...

VI

E, na noite estival, arrepiadas, as plantas
Tinham na negra fronde umas roucas gargantas
Bradando, sob o luar opalino, de chofre:
“Sofre, Juca Mulato, é tua sina, sofre...
Fechar ao mal de amor nossa alma adormecida
É dormir sem sonhar, é viver sem ter vida...
Ter, a um sonho de amor o coração sujeito
É o mesmo que cravar uma faca no peito.
Esta vida é um punhal com dois gumes fatais:
Não amar, é sofrer; amar, é sofrer mais!”

VII

E, despertando à Vida, esse caboclo rude,
Alma cheia de abrolhos,
Notou, na imensa dor de quem se desilude
Que, desse olhar que amou, fugitivo e sereno,
Só lhe restava ao lábio um trago de veneno,
Uma chaga no peito e lágrimas nos olhos!

(*Juca Mulato*, 1917 – Iª parte)

CASSIANO RICARDO

A noite verde

E agora? e depois da Serra
azul e perpendicular
que do céu caiu no mar?

Estavam os três à porta
do Sertão em cujo centro
ninguém poderia entrar.
E a Uiara, chamando Anchieta
humilde, em sua roupeta,
e Martim, lobo do mar,
irmão mais velho do vento,
mas agora seu marido,
por amor, por valimento,
lhes disse: espiem lá dentro.

E logo o Marujo e Anchieta,
ambos de olhos coruscantes
espiaram, por um vão de árvore,
tudo o que tinha lá dentro;
com a mesma curiosidade
que levou o Rei do Mato
a abrir, naquela manhã,
o fruto de tucumã.
E viram lá dentro, viram,
o Sol, saindo da Terra,

Cassiano
Ricardo
(1895-1974),
poeta e ensaísta,
participou do
movimento
modernista de
São Paulo,
incorporado aos
grupos
Verde-Amarelo e
Anta, e dirigiu
várias revistas
literárias.

da mesma forma que a Serra
no alto da qual se encontravam
tinha saído do Mar.

E viram lá dentro, viram,
o Tietê filho da Serra,
que corria atrás do sol.
Quem de sua água bebesse
(marinheiro de onde vieste?)
matava a sede do corpo
mas adquiria outra sede
muito mais grave, a do oeste.
Sede de só caminhar
pelo continente a dentro
em oposição ao mar.
E espíaram de novo, e viram,
lá dentro, num fim de mundo,
onde gorjeava o “sem-fim”,
léguas e léguas dormindo
sem ninguém mexer com elas,
bichos grossos, que viviam
bebendo seiva, água virgem,
leite de lua, cauim,
ainda agarrados nas tetas
de grandes árvores pretas,
ou enroscados no tronco
do sertão compacto e bronco
em cuja unanimidade
um pássaro, ainda bíblico,
cantava: fon-fin, culó!
e o homem era irmão de tudo,
pois tudo era um mundo só.

E espíaram de novo, e viram,

e viram o Corinqueã
tão grande que não existia.
Conheceram a Mãe-d'Água
cujo mais doce carinho
era fazer seu próprio noivo
se afogar em redemoinho.
E o Minhocão, salpicado
de Sete Cores, que bebia,
num só trago, a água de um rio.
E o Bicho de Sete Caras,
cada cara com a sua cor.
E o Ipupiara, mais temido
Que o gigante Adamastor.
E a Giboiçu que à noite
chupava o leite à cunhã,
pondo a cauda como teta
na boca do pequerrucho,
faz de conta, faz de conta,
quando se via era manhã.

E espiaram mais longe e viram
o próprio Sertão antropófago,
glutão, comedor de gente,
lambendo os beijos de gosto,
à hora de cada almoço;
ele no centro, onças por volta,
ele comendo coração
de prisioneiro, e elas, as onças,
brigando por causa do osso.

Ainda tinha, lá dentro,
no Sertão do Nunca Dantes
(simples mataréu medonho
onde o Brasil não passava

de uma fábula, de um sonho)
o mostrengo Matuiú.
Matuiú, traidor da Terra,
aliara-se com o Pirata
de olhos azuis, vindo do mar.

E a Terra, onde o próprio rio
nascera de costas pro mar,
deu-lhe um tremendo castigo.
O de fazê-lo caminhar,
rosto voltado pra leste
e dedos dos pés pra oeste.
De modo que, quando o dito
fosse em caminho do mar,
no chão ficasse o seu rasto,
dando o dito por não dito.
Dizendo que não e não...
Dizendo que ele era filho
não do mar mas do Sertão.

E os índios em bandos, coroados de penas;
O grito do mato habitado por bichos de todas as castas, com borboletas
de todas as cores, com urros de feras famintas nas tocas, com cobras de fogo
a correr pelos vãos da paisagem;
e todo o tesouro ainda virgem da Terra;
e o Sertão que trancava a passagem
– “aqui ninguém entra, quem manda sou eu!”
com as raízes da vida enterradas no chão.

O sertão!
O sertão!

(*Martim Cererê*, 1928)

MANUEL BANDEIRA

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água

Manuel Bandeira (1886-1968), autor de obra das mais relevantes da literatura contemporânea, em diversos gêneros: poesia, crônica, crítica de literatura e artes, exerceu influência marcante no Modernismo brasileiro.

Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar.

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(Libertinagem, 1930)

As noites

ALFRED DE MUSSET

*Versão de Pedro Lyra**

Esta publicação encerra a tradução da série de *Les nuits*, seguida de “Souvenir”, iniciada com “A noite de maio” no número 35 desta Revista.

“A noite de dezembro” foi publicada pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes* de 1.12.1835, escrita em novembro.

~ Pedro Lyra, poeta, crítico, ensaísta e professor universitário, publicou *Sombras* (1967), *Poesia cearense e realidade social* (1975), *O reduto ontológico do poema* (tese, 1978), *O reduto ideológico do poema* (tese, 1981), *Decisão – Poemas dialéticos* (1985), *Conceito de poesia* (1986) e organizou antologias.

La nuit de décembre

~ Le Poète

Du temps que j'étais écolier,
Je restais un soir à veiller
Dans notre salle solitaire.
Devant ma table vint s'asseoir
Un pauvre enfant vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Son visage était triste et beau
A la lueur de mon flambeau,
Dans mon livre ouvert il vint lire.
Il pencha son front sur ma main,
Et resta jusqu'au lendemain,
Pensif, avec un doux sourire.

Comme j'allais avoir quinze ans,
Je marchais un jour, à pas lents,

A noite de dezembro

*À minha aluna
Manuela Manbães,
parceira em recitais destas Noites*

~ O Poeta

Quando eu ainda era escolar,
Estava uma noite a velar
Em nossa sala, em solidão.
Veio-me à mesa, àquele instante,
Vestido de negro, um infante
Tão semelhante como irmão.

Sua face era triste e bela;
E pela luz de minha vela
Veio ler o livro que eu lia.
Sobre u'a mão pendeu a fronte,
Pensativo, de mim defronte,
E, na manhã, ainda sorria.

Quando fazia quinze anos,
Eu caminhava, sem enganar,

Dans un bois, sur une bruyère.
Au pied d'un arbre vint s'asseoir,
Un jeune homme vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Je lui demandai mon chemin;
Il tenait un luth d'une main,
De l'autre un bouquet d'églatine.
Il me fit un salut d'ami,
Et, se détournant à demi,
Me montra du doigt la colline.

A l'âge où l'on croit à l'amour,
J'étais seul dans ma chambre un jour,
Pleurant ma première misère.
Au coin de mon feu vint s'asseoir
Un étranger vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Il était morne et soucieux;
D'une main il montrait les cieux,
Et de l'autre il tenait un glaive.
De ma peine il semblait souffrir,
Mais il ne poussa qu'un soupir,
Et s'évanouit comme un rêve.

A l'âge où l'on est libertin,
Pour boire un toast en un festin,
Un jour je soulevai mon verre.
En face de moi vint s'asseoir
Un convive vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Na floresta, por um desvão.
 E a um arbusto me veio, em paz,
 Vestido de negro, um rapaz
 Tão semelhante como irmão.

Indaguei por onde seguira;
 Numa das mãos, portava a lira;
 Na outra, um buquê de eglantina.
 Ele saudou-me como amigo
 E após, sem mais se abrir comigo,
 Mostrou-me com o dedo a colina.¹

Na idade em que se crê no amor,
 Chorava em meu quarto o amargor
 Da primeira desilusão.
 E me veio, junto ao braseiro,
 Vestindo negro, um estrangeiro,
 Tão semelhante como irmão.

Ele era triste e andava ao léu;
 Com u'a mão apontava o céu
 E, na outra, um gládio portava.
 De minha pena se doía,
 Mas só suspiros emitia
 E se esvaiu como uma larva.

Na idade da libertinagem,
 Para um brinde, nessa voragem,
 Ergui meu copo num salão.
 E veio a mim, feição altiva,
 Vestido de negro, um conviva,
 Tão semelhante como irmão.

¹ Verso pouco claro: esta colina simboliza a ascensão que é preciso cumprir para se tornar digno da vida?

Il secouait sous son manteau
Un haillon de pourpre en lambeau,
Sur sa tête un myrte stérile.
Son bras maigre cherchait le mien,
Et mon verre, en touchant le sien,
Se brisa dans ma main débile.

Un an après, il était nuit;
J'étais à genoux près du lit
Où venait de mourir mon père.
Au chevet du lit vint s'asseoir
Un orphelin vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Ses yeux étaient noyés de pleurs;
Comme les anges de douleurs,
Il était couronné d'épine;
Son luth à terre était gisant,
Sa pourpre de couleur de sang,
Et son glaive dans sa poitrine.

Je m'en suis si bien souvenu,
Que je l'ai toujours reconnu
A tous les instants de ma vie.
C'est une étrange vision,
Et cependant, ange ou démon,
J'ai vu partout cette ombre amie.

Lorsque plus tard, las de souffrir,
Pour renaître ou pour en finir,
J'ai voulu m'exiler de France;

Ele agitava sob o traje
 Trapos de púrpura, um andrajo;
 Sobre a cabeça um mirto estéril.²
 Seu braço procurava o meu;
 E meu copo, ao tocar o seu,
 Quebrou-se na minha mão débil.

Um ano após, eu em respeito
 Dentro da noite, junto ao leito
 Onde meu pai morrera então,³
 Veio postar-se do meu lado,
 Vestindo negro, um deserdado
 Tão semelhante como irmão.

Os olhos imersos em pranto;
 E, como anjos, de desencanto,
 De espinho a testa coroada.
 A sua cítara, caída;
 A sua púrpura, roída;
 E, no seu peito, a sua espada.

Lembra-me bem tudo isso aí.
 Desde sempre o reconheci,
 A todo instante desta vida.
 E esta é uma visão de sonho.
 Entretanto, ou anjo ou demônio,
 Via em tudo a sombra querida.⁴

Quando, cansado de sofrer,
 Pra renascer ou pra morrer
 Pretendi me exilar da França;

² O mirto, flor extremamente honrada na Antiguidade, era consagrado a Vênus: com ele se coroava a frente dos vencedores.

³ A morte do pai afetou profundamente o poeta.

⁴ A tradução reproduz a seqüência do fonema /i/ em posição de rima na estrofe original, nos v.I-2-3-6.

Lorsqu'impatient de marcher,
J'ai voulu partir, et chercher
Les vestiges d'une espérance;

A Pise, au pied de l'Apennin;
A Cologne, en face du Rhin;
A Nice, au penchant des vallées;
A Florence, au fond des palais;
A Brigues, dans les vieux chalets;
Au sein des Alpes désolées;

A Gênes, sous les citronniers;
A Vevay, sous les verts pommiers;
Au Havre, devant l'Atlantique;
A Venise, à l'affreux Lido,
Où vient sur l'herbe d'un tombeau
Mourir la pâle Adriatique;

Partout où, sous ces vastes cieux,
J'ai lassé mon cœur et mes yeux,
Saignant d'une éternelle plaie;
Partout où le boiteux Ennui,
Traînant ma fatigue après lui,
M'a promené sur une claie;

Partout où, sans cesse altéré
De la soif d'un monde ignoré,
J'ai suivi l'ombre de mes songes;
Partout où, sans avoir vécu,
J'ai revu ce que j'avais vu,
La face humaine et ses mensonges;

Quando, impaciente por mudar,
Eu quis partir e procurar
Os vestígios de uma esperança;

Junto aos Apeninos, em Pisa;
Em Nice, numa encosta lisa;
Em face do Reno, em Colônia;
Em Florença, num régio abrigo;
Em Brigues, num castelo antigo;
Nos Alpes, de neve tristonha;

Em Gênova, nos arvoredos;
Em Vevey, nos pomares quedos;
Em face do Atlântico, em Havre;
Em Veneza, no horrendo Lido,
Onde, num túmulo florido,
O Adriático sucumbe, grave;

Por toda parte onde, no chão,
Deitei olhos e coração,
Sangrando de um eterno peso;
E sempre aonde o manco Tédio,
Com uma fadiga sem remédio,
Me levava como se preso;

Por toda parte onde, crispado
À sede de um mundo ignorado,
Segui a sombra das quimeras;
E sempre onde, sem dar por isto,
Revi o que já tinha visto,
A face humana e suas misérias;

Partout où, le long des chemins,
J'ai posé mon front dans mes mains,
Et sangloté comme une femme;
Partout où j'ai, comme un mouton,
Qui laisse sa laine au buisson,
Senti se dénuer mon âme;

Partout où j'ai voulu dormir,
Partout où j'ai voulu mourir,
Partout où j'ai touché la terre,
Sur ma route est venu s'asseoir
Un malheureux vêtu de noir,
Qui me ressemblait comme un frère.

Qui donc es-tu, toi que dans cette vie
Je vois toujours sur mon chemin?
Je ne puis croire, à ta mélancolie,
Que tu sois mon mauvais Destin.
Ton doux sourire a trop de patience,
Tes larmes ont trop de pitié.
En te voyant, j'aime la Providence.
Ta douleur même est sœur de ma souffrance;
Elle ressemble à l'Amitié.

Qui donc es-tu? – Tu n'es pas mon bon ange,
Jamais tu ne viens m'avertir.
Tu vois mes maux (c'est une chose étrange!)
Et tu me regardes souffrir.
Depuis vingt ans tu marches dans ma voie,
Et je ne saurais t'appeler.
Qui donc es-tu, si c'est Dieu qui t'envoie?

Por toda parte, nos desvãos
 Onde pus a fronte nas mãos,
 Como uma mulher soluçando;
 E sempre onde, como um carneiro
 Que larga a lã pelo espinheiro,
 Senti minh'alma fraquejando;

E sempre onde só quis dormir,
 E sempre onde só quis sumir,
 E sempre onde toquei o chão,
 Sempre sentou-se do meu lado,
 Vestindo negro, um desgraçado
 Tão semelhante como irmão.

Quem és então, ó tu, que nesta vida
 Eu vejo sempre em meu caminho?
 Não posso, pela face tão dorida,
 Crer que sejas meu mau Destino.
 Teu sorriso tem muito de clemência;
 Teu pranto, muito de piedade.
 Só em te ver, eu amo a Providência;
 Tua dor é irmã da minha na insistência:
 Ela parece com a Amizade.

Quem és então? Não és meu guardião,
 Pois nunca me vens prevenir.
 É muito estranho: vês minha aflição
 E me contempas sem agir.
 Há vinte anos, vens por minha via,
 E sequer sei te nomear.
 Quem és então? Será Deus quem te envia?

Tu me souris sans partager ma joie,
Tu me plains sans me consoler!

Ce soir encor je t'ai vu m'apparaître.
C'était par une triste nuit.
L'aile des vents battait à ma fenêtre;
J'étais seul, courbé sur mon lit.
J'y regardais une place chérie,
Tiède encor d'un baiser brûlant;
Et je songeais comme la femme oubliée,
Et je sentais un lambeau de ma vie
Qui se déchirait lentement.

Je rassemblais des lettres de la veille,
Des cheveux, des débris d'amour.
Tout ce passé me criait à l'oreille
Ses éternels serments d'un jour.
Je contemplais ces reliques sacrées,
Qui me faisaient trembler la main
Larmes du cœur par le cœur dévorées,
Et que les yeux qui les avaient pleurées
Ne reconnaîtront plus demain!

J'enveloppais dans un morceau de bure
Ces ruines des jours heureux.
Je me disais qu'ici-bas ce qui dure,
C'est une mèche de cheveux.
Comme un plongeur dans une mer profonde,
Je me perdais dans tant d'oubli.
De tous côtés j'y retournais la sonde,
Et je pleurais, seul, loin des yeux du monde,
Mon pauvre amour enseveli.

Sorris sem partilhar minha alegria,
Lamentas sem me consolar.

Ainda esta noite, triste, eu te revia.
Era outra noite de aflição.
O vento na janela me batia.
E eu preso ao leito, em solidão.
Contemplava uma praça tão querida,
Ainda morna de um beijo quente.
E então sonhei como a mulher olvida,
E senti que u'a porção de minha vida
Se destroçava lentamente.

Cartas, cabelos – eu me abandonava
A essas ruínas da alegria.
E o passado aos ouvidos me gritava
Eternas juras de um só dia.
Fitava essas relíquias consagradas,
A me fazer tremer a mão.
Lágrimas d'alma, n'alma devoradas;
E que os olhos, que as tinham derramadas,
Depois não reconhecerão!

Envolvi esses restos de ventura
Como num manto imaculado.
E me disse que aqui tudo que dura
É uma mecha do passado.
Como um mergulhador num mar profundo,
Eu me perdi, de abandonado.
Procurava um caminho mais fecundo;
E chorava, tão só, longe do mundo,
Meu pobre amor amortalhado.

J'allais poser le sceau de cire noire
Sur ce fragile et cher trésor.
J'allais le rendre, et, n'y pouvant pas croire,
En pleurant j'en doutais encor.
Ah! faible femme, orgueilleuse insensée,
Malgré toi, tu t'en souviendras!
Pourquoi, grand Dieu! mentir à sa pensée?
Pourquoi ces pleurs, cette gorge oppressée,
Ces sanglots, si tu n'aimais pas?

Oui, tu languis, tu souffres, et tu pleures;
Mais ta chimère est entre nous.
Eh bien, adieu! Vous compterez les heures
Qui me sépareront de vous.
Partez, partez, et dans ce cœur de glace
Emportez l'orgueil satisfait.
Je sens encor le mien jeune et vivace,
Et bien des maux pourront y trouver place
Sur le mal que vous m'avez fait.

Partez, partez! la Nature immortelle
N'a pas tout voulu vous donner.
Ah! pauvre enfant, qui voulez être belle,
Et ne savez pas pardonner!
Allez, allez, suivez la destinée;
Qui vous perd n'a pas tout perdu.
Jetez au vent notre amour consumée;
Éternel Dieu! toi que j'ai tant aimée,
Si tu pars, pourquoi m'aimes-tu?

Eu ia pôr um selo, um negro círio
 Neste caro e frágil tesouro.⁵
 E devolvê-lo; mas, em tal martírio,
 Hesitei, afogado em choro.
 Pobre mulher, de orgulho e fingimento.
 Pesar de tudo, hás de lembrar!
 Por que, meu Deus, mentir ao pensamento?
 E por que este pranto, este tormento,
 Estes soluços, sem amar?

Sim, tu definhas, sofres, e ainda choras
 Mas tua quimera está aqui.
 Adeus! Adeus! Tu contarás as horas
 Que me separarão de ti.
 Podes partir. E em tua alma gelada
 Carrega o orgulho satisfeito.
 Eu sinto a minha ainda motivada,
 E podem muitos males ter morada
 Em torno ao mal que me tens feito.

Podes partir. A imortal natureza⁶
 Não pretendeu tudo te dar.
 Pobre criança, sonhas com a beleza
 Porém não sabes perdoar.
 Podes partir. E segue a estrada infinda.
 Quem te perde, não perde o mais.
 Atira ao vento esta ilusão já finda.
 Ó Deus eterno! E tu, que eu amo ainda,
 Como me amavas, se te vais?

⁵ Após a ruptura, George solicita a Alfred que lhe devolva as cartas que ela lhe escrevera, uma mecha de cabelos e uma flor: a isso, ele chama aqui de “frágil e caro tesouro”.
⁶ A métrica da tradução é a do decassílabo provençal: 4-7-10, como a do original, com permuta dos termos no sintagma rimante.

Mais tout à coup j'ai vu dans la nuit sombre
Une forme glisser sans bruit.
Sur mon rideau j'ai vu passer une ombre;
Elle vient s'asseoir sur mon lit.
Qui donc es-tu, morne et pâle visage,
Sombre portrait vêtu de noir?
Que me veux-tu, triste oiseau de passage?
Est-ce un vain rêve? est-ce ma propre image
Que j'aperçois dans ce miroir?

Qui donc es-tu, spectre de ma jeunesse,
Pèlerin que rien n'a lassé?
Dis-moi pourquoi je te trouve sans cesse
Assis dans l'ombre où j'ai passé.
Qui donc es-tu, visiteur solitaire,
Hôte assidu de mes douleurs?
Qu'as-tu donc fait pour me suivre sur terre?
Qui donc es-tu, qui donc es-tu, mon frère,
Qui n'apparais qu'au jour des pleurs?

~ La Vision

– Ami, notre père est le tien.
Je ne suis ni l'ange gardien,
Ni le mauvais destin des hommes.
Ceux que j'aime, je ne sais pas
De quel côté s'en vont leurs pas
Sur ce peu de fange où nous sommes.

Je ne suis ni dieu ni démon,
Et tu m'as nommé par mon nom

Súbito, deslizou, na noite oculto,
 Um espectro, sem um rumor.
 Passou pela cortina um negro vulto
 Que no meu leito se assentou.
 Mas quem és, morna e pálida miragem,
 Réplica de preto vestida?
 Que me queres, triste ave de passagem?
 É um sonho vão? É minha própria imagem
 Por este espelho refletida?

Quem, espectro da minha mocidade,
 Aventureiro sem cansaço.
 Diz-me por que essa sombra sempre invade
 Qualquer lugar por onde passo.
 Quem és, ó viajor da solidão,
 Hóspede do meu desencanto?
 Por que na terra há de seguir-me tanto?
 Quem és tu, quem és tu, ó meu irmão,
 Que só surges nos dias de pranto?⁷

~ A Visão

– O nosso pai é o teu, amigo.
 Não sou quem guarda do perigo
 Nem o mau destino dos homens.
 Esses que amo, não sei bem
 Qual é a sina que eles têm
 Por essa lama onde ainda somos.

Eu não sou deus nem sou demônio.
 E me doaste o nome idôneo

⁷ A nona original se funda inteiramente no fonema /e/, fechado em 2-4 e aberto em 1-3 e em 5-6-7-8-9. Na impossibilidade de repetir o fonema, a nona da tradução o substitui por /a/, aberto no quarteto inicial mas preservando ao menos a isonomia fonológica do quinteto final. As notas 1, 2 e 5 são traduzidas de Geneviève Bulli (op. cit.).

Quand tu m'as appelé ton frère;
Où tu vas, j'y serai toujours,
Jusques au dernier de tes jours,
Où j'irai m'asseoir sur ta pierre.

Le ciel m'a confié ton cœur.
Quand tu seras dans la douleur,
Viens à moi sans inquiétude.
Je te suivrai sur le chemin;
Mais je ne puis toucher ta main,
Ami, je suis la Solitude.

Ao por irmão me nomear.
Irei contigo aonde fores,
Até o fim de tuas dores
E em tua tumba hei de pousar.

O céu me confiou teu ser.
Quando estiveres a sofrer,
Vem a mim, sem inquietação.
Te seguirei em teu degredo;
Mas nem posso tocar-te o dedo,
Amigo: eu sou a Solidão.

La nuit d'août

~ La Muse

Depuis que le soleil, dans l'horizon immense,
A franchi le Cancer sur son axe enflammé,
Le bonheur m'a quittée, et j'attends en silence
L'heure où m'appellera mon ami bien-aimé.
Hélas! depuis longtemps sa demeure est déserte;
Des beaux jours d'autrefois rien n'y semble vivant.
Seule, je viens encor, de mon voile couverte,
Poser mon front brûlant sur sa porte entrouverte,
Comme une veuve en pleurs au tombeau d'un enfant

~ Le Poète

Salut à ma fidèle amie!
Salut, ma gloire et mon amour!
La meilleure et la plus chérie
Est celle qu'on trouve au retour.

A noite de agosto

*À minha colega
Eliana Bueno Ribeiro,
uma das primeiras leitoras desta versão*

~ A Musa

Depois de haver o sol, pelo horizonte imenso,
O Trópico transposto, sobre o eixo inflamado,
A alegria deixou-me, e agora apenas penso
Na hora de chamar-me o amigo bem-amado.
Depois de longo tempo, a casa está deserta.
Aqueles belos dias já perderam seu brilho.
Sozinha, venho ainda, de meu véu encoberta,
Pousar a fronte ardente a essa porta entreaberta
Como viúva em pranto ao túmulo de um filho.

~ O Poeta

Ó minha amiga, tão leal!
Ó minha glória, tão sincera!
A mais querida, a ideal
É a que na volta nos espera.

* Publicada na *Revue des Deux Mondes* de 15.8.1836, “La nuit d’août” foi escrita provavelmente em junho desse ano, pois o poeta começara uma “La nuit de juin”, suspensa com apenas 4 versos, e que deve ter se transformado no texto presente. A abertura do poema alude exatamente à ultrapassagem do mês de junho no hemisfério norte.

L'opinion et l'avarice
Viennent un temps de m'emporter.
Salut, ma mère et ma nourrice!
Salut, salut, consolatrice!
Ouvre tes bras, je viens chanter.

~ La Muse

Pourquoi, cœur altéré, cœur lassé d'espérance,
T'enfuis-tu si souvent pour revenir si tard?
Que t'en vas-tu chercher, sinon quelque hasard?
Et que rapportes-tu, sinon quelque souffrance?
Que fais-tu loin de moi, quand j'attends jusqu'au jour?
Tu suis un pâle éclair dans une nuit profonde.
Il ne te restera de tes plaisirs du monde
Qu'un impuissant mépris pour notre honnête amour.
Ton cabinet d'étude est vide quand j'arrive;
Tandis qu'à ce balcon, inquiète et pensive,
Je regarde en rêvant les murs de ton jardin,
Tu te livres dans l'ombre à ton mauvais destin.
Quelque fière beauté te retient dans sa chaîne,
Et tu laisses mourir cette pauvre verveine
Dont les derniers rameaux, en des temps plus heureux,
Devaient être arrosés des larmes de tes yeux.
Cette triste verdure est mon vivant symbole;
Ami, de ton oubli nous mourrons toutes deux,
Et son parfum léger, comme l'oiseau qui vole,
Avec mon souvenir s'enfuira dans les cieux.

A opinião e a precisão¹
 Andaram a me solicitar.
 Ó minha mãe, meu coração²
 Olá, olá, Consolação!
 Abre teus braços, vou cantar.

~ A Musa

Por que, ó coração cansado a tanta espera,
 Por que tanto fugir pra tão tarde voltar?
 Além de outra quimera, que vais a procurar?
 E que trarás na volta, senão nova quimera?
 Que fazes lá sem mim, qu'inda te espero em claro?
 Persegues uma luz num abismo profundo
 E não te restará dos prazeres do mundo
 Mais que um vago desprezo ao nosso amor tão caro.
 Quando cheguei, tua sala estava abandonada.
 Então, pela varanda, inquieta e preocupada,
 Como em sonho, fitava os muros do jardim
 Onde à sombra te entregas ao destino ruim.
 Uma fria³ beldade te prende em sua cilada.
 E deixas falecer esta pobre verbena,
 Cuja última ramada, em quadra mais amena,
 Ao pranto de teus olhos devia ser regada.
 É minha exata imagem este triste verdor.
 Nós morreremos juntas, por teu descaso, amor.
 E seu leve perfume, como uma ave a voar,
 Com a minha lembrança aos céus há de escapar.

¹“Avareza” (*avarice*), no original. Ela quer significar, de fato, a necessidade de ganhar dinheiro. Alusão aos trabalhos pragmáticos da literatura, que às vezes os escritores têm que executar. Também aos trabalhos jornalísticos do poeta na ocasião.

² O poeta chama a musa por vários nomes, entre os quais “mãe”, por ser ele uma criação dela ao inspirá-lo, segundo a mitologia grega.

³ A tradução de *fière* (orgulhosa) por “fria”, além da afinidade semântica, quis aproveitar a paranomásia. O quarteto permuta o esquema rimático A-A-B-B por A-B-A-B, para preservar ao menos um par fonológico.

~ Le Poète

Quand j'ai passé par la prairie,
J'ai vu, ce soir, dans le sentier,
Une fleur tremblante et flétrie,
Une pâle fleur d'égantier.
Un bourgeon vert à côté d'elle
Se balançait sur l'arbrisseau;
Je vis poindre une fleur nouvelle;
La plus jeune était la plus belle
L'homme est ainsi, toujours nouveau.

~ La Muse

Hélas! toujours un homme, hélas! toujours des larmes!
Toujours les pieds poudreux et la sueur au front!
Toujours d'affreux combats et de sanglantes armes;
Le cœur a beau mentir, la blessure est au fond.
Hélas! par tous pays, toujours la même vie
Convoiter, regretter, prendre et tendre la main;
Toujours mêmes acteurs et même comédie,
Et, quoi qu'ait inventé l'humaine hypocrisie,
Rien de vrai là-dessous que le squelette humain.
Hélas! mon bien-aimé, vous n'êtes plus poète.
Rien ne réveille plus votre lyre muette;
Vous vous noyez le cœur dans un rêve inconstant;
Et vous ne savez pas que l'amour de la femme
Change et dissipe en peurs les trésors de votre âme,
Et que Dieu compte plus les larmes que le sang.

~ O Poeta

Vi, à noite, por um atalho,
 Quando passei pela campina,
 Uma flor trêmula num galho,
 Uma doce flor de eglantina.
 Um botão verde, ao lado dela,
 Se balançava no jardim.
 Vi brotar uma bem singela;
 A mais jovem era a mais bela:
 O homem, sempre novo, é assim.

~ A Musa

Ai de mim, sempre um homem! Ai de mim, sempre embates!
 Sempre os pés em poeira e sempre o suor no rosto!
 Sempre sangrentas armas, sempre horrendos combates.
 O coração disfarça; no fundo está o desgosto.
 Ai de mim! No teu mundo, é sempre a aleivosia:
 Tomar, puxar a mão; cobiçar, lastimar.
 Sempre os mesmos atores e a mesma fantasia.
 E, o que quer que se invente a humana hipocrisia,
 Só o esqueleto humano é verdadeiro lá.⁴
 Ai de ti, meu amor: já não és mais poeta.
 A tua lira muda a nada mais desperta.⁵
 Tu afogaste o peito num sonhar inconstante.
 E já nem sabes mais que o fascínio da amante
 Os tesouros da alma te estraga e a deixa exangue
 Nem que Deus conta mais as lágrimas que o sangue.⁶

⁴ Verso radical:
 a vida pode ser
 falsa; a morte é
 sempre
 verdadeira.

⁵ A provocação
 da musa – seu
 apelo ao poeta
 contra a
 ociosidade –
 produziu o efeito
 desejado: *As noites*
 são a própria
 negação da
 prolepe deste
 verso. A lira do
 poeta estava
 apenas
 adormecida, não
 estéril: a musa a
 despertou.

⁶ O quarteto
 final reproduz a
 quádrupla rima
 em /a/ nasal.

~ Le Poète

Quand j'ai traversé la vallée,
Un oiseau chantait sur son nid.
Ses petits, sa chère couvée,
Venaient de mourir dans la nuit.
Cependant il chantait l'aurore;
O ma Muse, ne pleurez pas!
A qui perd tout, Dieu reste encore,
Dieu là-haut, l'espoir ici-bas.

~ La Muse

Et que trouveras-tu, le jour où la misère
Te ramènera seul au paternel foyer?
Quand tes tremblantes mains essuieront la poussière
De ce pauvre réduit que tu crois oublier,
De quel front viendras-tu, dans ta propre demeure,
Chercher un peu de calme et d'hospitalité?
Une voix sera là pour crier à toute heure
Qu'as-tu fait de ta vie et de ta liberté?
Crois-tu donc qu'on oublie autant qu'on le souhaite?
Crois-tu qu'en te cherchant tu te retrouveras?
De ton cœur ou de toi lequel est le poète?
C'est ton cœur, et ton cœur ne te répondra pas.
L'amour l'aura brisé; les passions funestes
L'auront rendu de pierre au contact des méchants;
Tu n'en sentiras plus que d'effroyables restes,
Qui remueront encor, comme ceux des serpents.
O ciel! qui t'aidera? que ferai-je moi-même,
Quand celui qui peut tout défendra que je t'aime,

~ O Poeta

Quando atravessei o valado,
 Cantava um pássaro, ferido.
 Seus filhos, fruto bem amado,
 Nessa noite tinham morrido.
 Mas na aurora, cantava aos céus.
 Ó Musa, não chores aí!
 Quem perde tudo, ainda tem Deus,
 Deus no alto, a esperança aqui.

~ A Musa

E o que é que encontrarás, na hora derradeira,
 Em que ao solar paterno tiveres que voltar?
 Quando as trêmulas mãos banirem a poeira
 Deste pobre reduto que pensaste olvidar?
 De que frente virás, para o teu próprio abrigo,
 Por um pouco de paz e de hospitalidade?
 Uma voz hás de ouvir, clamando em tom amigo:
 Que fizeste da vida? da tua liberdade?
 Crês então que se esquece conforme se projeta?
 E, quando te buscares, crês que te encontrarás?
 Teu coração ou tu: quem é mesmo o poeta?
 É o coração. Mas ele não te responderá.⁷
 O amor o lacerou: teus amores funestos
 O transformaram em pedra em casos impudentes.
 E não encontrarás senão horríveis restos
 Que se removerão tal como os das serpentes.
 E quem te ajudará? Eu mesma, que fazer
 Quando Deus⁸ me impedir de ainda te querer,

⁷ A oposição entre *coeur* e *toi* equivale a uma oposição entre a vivência interior, que é criadora da poesia, e a vivência social, que era esterilizadora do poeta. Mesmo caso da nota 5: o coração está respondendo.
⁸ Redução da perífrase (*celui qui peut tout*) do original.

Et quand mes ailes d'or, frémissant malgré moi,
M'emporteront à lui pour me sauver de toi?
Pauvre enfant! nos amours n'étaient pas menacées,
Quand dans les bois d'Auteuil, perdu dans tes pensées,
Sous les verts marronniers et les peupliers blancs,
Je t'agaçais le soir en détours nonchalants.
Ah! j'étais jeune alors et nymphe, et les dryades
Entrouvraient pour me voir l'écorce des bouleaux,
Et les pleurs qui coulaient durant nos promenades
Tombaient, purs comme l'or, dans le cristal des eaux.
Qu'as-tu fait, mon amant, des jours de ta jeunesse?
Qui m'a cueilli mon fruit sur mon arbre enchanté?
Hélas! ta joue en fleur plaisait à la déesse
Qui porte dans ses mains la force et la santé.
De tes yeux insensés les larmes l'ont pâlie;
Ainsi que ta beauté, tu perdras ta vertu.
Et moi qui t'aimerai comme une unique amie,
Quand les dieux irrités m'ôteront ton génie,
Si je tombe des cieux, que me répondras-tu?

~ Le Poète

Puisque l'oiseau des bois voltige et chante encore
Sur la branche où ses veufs sont brisés dans le nid;
Puisque la fleur des champs entrouverte à l'aurore,
Voyant sur la pelouse une autre fleur éclore,
S'incline sans murmure et tombe avec la nuit;

Puisqu'au fond des forêts, sous les toits de verdure,
On entend le bois mort craquer dans le sentier,
Et puisqu'en traversant l'immortelle nature,

E as minhas asas d'ouro, fremindo pelo ar,
 Me elevarem a Ele pra de ti me salvar?
 Pobre criança! O amor não era ameaçado
 Quando, pela floresta, num pensar abismado,
 Por entre castanheiros e álamos frondentes,
 Eu te excitava à noite em gestos indolentes.
 Eu era ainda jovem, uma ninfa; as nereidas⁹
 Abriam pra me ver a crosta àquelas fráguas.
 E o pranto que corria ao longo das veredas
 Tombava como ouro sobre o cristal das águas.
 Que fizeste, querido, da tua mocidade?
 Quem me colheu o fruto da árvore do amor?
 A tua face em flor aprazia à deidade
 Que porta em suas mãos a saúde e o vigor.¹⁰
 Ao pranto de teus olhos, ela se comovia.
 A virtude e a beleza, um dia perderás.
 E eu, que te amava como nunca outra amaria,
 Quando os deuses tolherem a tua fantasia,
 Se eu tombar lá dos céus, que me responderás?

~ O Poeta

Pois que vendo no ninho os ovos se quebrando,
 A ave da floresta adeja e canta ainda;
 E pois que a flor da aurora, ao campo despontando,
 Vendo por sobre a relva uma outra flor brotando,
 Se inclina sem queixume e tomba à tarde finda;

Pois que ao fundo da mata, sob a verdura intensa,
 Se escuta nas veredas o bosque renascer;
 E pois que atravessando a natureza imensa,

⁹“Nereidas”, em vez de “dríades”. Não encontrei rima satisfatória para “dríade/s” e não pude deslocar a palavra.

¹⁰ Trata-se de Hebe, deusa da eterna juventude, ou de Minerva, “sábia e douta”, exibindo num corpo de mulher o vigor de um guerreiro?

L'homme n'a su trouver de science qui dure,
Que de marcher toujours et toujours oublier;

Puisque, jusqu'aux rochers, tout se change en poussière;
Puisque tout meurt ce soir pour revivre demain;
Puisque c'est un engrais que le meurtre et la guerre;
Puisque sur une tombe on voit sortir de terre
Le brin d'herbe sacré qui nous donne le pain;

O Muse! que m'importe ou la mort ou la vie?
J'aime, et je veux pâlir; j'aime, et je veux souffrir;
J'aime, et pour un baiser je donne mon génie;
J'aime, et je veux sentir sur ma joue amaigrie
Ruisseler une source impossible à tarir.

J'aime, et je veux chanter la joie et la paresse,
Ma folle expérience et mes soucis d'un jour,
Et je veux raconter et répéter sans cesse
Qu'après avoir juré de vivre sans maîtresse,
J'ai fait serment de vivre et de mourir d'amour.

Dépouille devant tous l'orgueil qui te dévore,
Cœur gonflé d'amertume et qui t'es cru fermé.
Aime, et tu renaîtras; fais-toi fleur pour éclore.
Après avoir souffert, il faut souffrir encore;
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

Ninguém soube encontrar nenhuma outra ciência
Que não a de andar sempre e de sempre esquecer;

E pois que até as rochas, tudo um dia se encerra,
E os que hoje hão de morrer depois renascerão;
Pois que isso é um adubo, mas que magoa e aterra;
Pois que até numa tumba se vê brotar da terra
O grão da erva sagrada para nos dar o pão:

Ó Musa! Que me importa se vivia ou morria?
Amo, e quero sofrer; amo, e quero penar.
Eu amo, e por um beijo eu largo a poesia.¹¹
Amo e quero sentir, por minha face fria,
Escorrer uma fonte que nunca há de secar.

Amo, e quero cantar a dolência¹² e a alegria,
Minha louca vivência, meus dias de torpor.
Amo, e quero contar, repetir a ousadia:
Que após haver jurado viver sem companhia,
Jurei que ia viver e ia morrer de amor.

Despe diante de todos o orgulho dolorido,
Coração infeliz, que quiseste fechado.
Ama, e renascerás, como um botão florido.
Precisa ainda sofrer, depois de haver sofrido;
Precisa amar sem fim, depois de haver amado.¹³

¹¹ Outro verso emblemático do Romantismo, pouco sincero na aparência mas verdadeiro em seu sentido profundo: ele troca seu gênio por um beijo apenas na fantasia (isto é: no próprio verso em que o declara), não na realidade. Lembre-se que, entre salvar a amante e o manuscrito d'*Os Lusíadas*, Camões não hesitou. E tinha que decidir em segundos.

¹² Declaração contraditória também apenas na aparência: cantar a “preguiça” não significa adesão a ela, mas a sua negação, pois – ao cantá-la – o poeta está trabalhando.

¹³ O dístico final é um dos mais típicos e mais famosos do poeta. As notas I (exceto a última frase) e 10 também são traduzidas de Geneviève Bulli (op. cit.).

La nuit d'octobre

~ Le Poète

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve.
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève,
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

~ La Muse

Qu'aviez-vous donc, ô mon poète!
Et quelle est la peine secrète
Qui de moi vous a séparé?
Hélas! je m'en ressens encore.
Quel est donc ce mal que j'ignore
Et dont j'ai si longtemps pleuré?

A noite de outubro

Ao editor

José Mario Pereira

*— à paciente espera de uma introdução
a esta versão, pelas tantas fontes que já me ofereceu*

~ O Poeta

Findou-se como um sonho o mal de que eu sofria.
A distante lembrança, só posso comparar
Com aquelas leves brumas do renascer do dia
Que, ao orvalho da aurora, se vão a dissipar.

~ A Musa

Que tinhas, então, meu poeta?
E qual foi a pena secreta
Que conseguiu nos separar?
Que pena?² Sofro até agora.
Qual é o mal que se ignora
E que tanto me fez chorar?

“La nuit d’octobre” foi publicada na *Revue des Deux Mondes* de 15.10.1837, escrita no começo do mês.

¹ O tradutor continua alternando os alexandrinos francês e espanhol, pelas razões expostas em nota à tradução de “La nuit de mai”.

² O tradutor acredita que a litote conferiu a esta passagem um sentido mais denso.

~ Le Poète

C'était un mal vulgaire et bien connu des hommes;
Mais, lorsque nous avons quelque ennui dans le cœur,
Nous nous imaginons, pauvres fous que nous sommes,
Que personne avant nous n'a senti la douleur.

~ La Muse

Il n'est de vulgaire chagrin
Que celui d'une âme vulgaire.
Ami, que ce triste mystère
S'échappe aujourd'hui de ton sein.
Crois-moi, parle avec confiance;
Le sévère dieu du silence
Est un des frères de la Mort;
En se plaignant on se console,
Et quelquefois une parole
Nous a délivrés d'un remords.

~ Le Poète

S'il fallait maintenant parler de ma souffrance,
Je ne sais trop quel nom elle devrait porter,
Si c'est amour, folie, orgueil, expérience,
Ni si personne au monde en pourrait profiter.
Je veux bien toutefois t'en raconter l'histoire,
Puisque nous voilà seuls, assis près du foyer.
Prends cette lyre, approche, et laisse ma mémoire
Au son de tes accords doucement s'éveiller.

~ O Poeta

Era um mal bem vulgar, bem sabido das gentes.
Mas, se temos u'a mágoa dentro do coração,
Nós sempre imaginamos, como pobres dementes,
Que antes de nós ninguém sofreu dessa ilusão.

~ A Musa

Só há um vulgar sofrimento:
Aquele de uma alma vulgar.
Que esse mistério singular
Hoje te fuja ao pensamento.
Com confiança conta tudo;
Aquele severo deus mudo
É como da morte um emblema.
O ser se livra quando chora,
E uma palavra, a certa hora,
Nos salva às vezes de um dilema.

~ O Poeta

Se eu agora devesse falar de meu tormento,
Não saberia bem que nome lhe doar:
Se loucura ou amor, orgulho ou cumprimento,
E nem se a alguém no mundo podia aproveitar.
Mas quero todavia te contar essa história
Porque estamos aqui, a sós, em nosso lar.
Toma esta lira, vem, e deixa-me a memória
Ao som de teus acordes, de leve, despertar.

~ La Muse

Avant de me dire ta peine,
O poète! en es-tu guéri?
Songe qu'il t'en faut aujourd'hui
Parler sans amour et sans haine.
S'il te souvient que j'ai reçu
Le doux nom de consolatrice,
Ne fais pas de moi la complice
Des passions qui t'ont perdu.

~ Le Poète

Je suis si bien guéri de cette maladie,
Que j'en doute parfois lorsque j'y veux songer;
Et quand je pense aux lieux où j'ai risqué ma vie,
J'y crois voir à ma place un visage étranger.
Muse, sois donc sans crainte; au souffle qui t'inspire
Nous pouvons sans péril tous deux nous confier.
Il est doux de pleurer, il est doux de sourire
Au souvenir des maux qu'on pourrait oublier.

~ La Muse

Comme une mère vigilante
Au berceau d'un fils bien-aimé,
Ainsi je me penche tremblante
Sur ce cœur qui m'était fermé.
Parle, ami, – ma lyre attentive
D'une note faible et plaintive

~ A Musa

Antes de contar tua dor,
Ó poeta, já estás curado?
Vê bem que hoje te é forçado
Falar sem ódio e sem amor.
Se lembras que me concederam
O nome de Consoladora,
Eu simples cúmplice não fora
Dessas paixões que te perderam.

~ O Poeta

Já estou tão curado da doença sofrida
Que às vezes desconfio se busquei me curar.
E se penso nos pontos onde arrisquei a vida,
Vejo uma estranha imagem onde era meu lugar.
Musa, não tenhas medo: à idéia que fluir,
Podemos sem perigo um n'outro confiar.
É doce assim chorar, é doce assim sorrir,
À lembrança de um mal depois de o superar.

~ A Musa

Como u'a mãe bem vigilante
Berça seu filho bem-amado,
Assim me curvo tremulante
Sobre este peito antes fechado.
Fala, amigo: a lira ciente,
Numa nota doce e plangente,

Suit déjà l'accent de ta voix,
Et dans un rayon de lumière,
Comme une vision légère,
Passent les ombres d'autrefois.

~ Le Poète

Jours de travail! seuls jours où j'ai vécu!
O trois fois chère solitude!
Dieu soit loué, j'y suis donc revenu,
A ce vieux cabinet d'études!
Pauvre réduit, murs tant de fois déserts,
Fauteuils poudreux, lampe fidèle,
O mon palais, mon petit univers,
Et toi, Muse, ô jeune immortelle,
Dieu soit loué, nous allons donc chanter!
Oui, je veux vous ouvrir mon âme,
Vous saurez tout, et je vais vous conter
Le mal que peut faire une femme;
Car c'en est une, ô mes pauvres amis
(Hélas! vous le saviez peut-être),
C'est une femme à qui je fus soumis,
Comme le serf l'est à son maître.
Joug détesté! c'est par là que mon cœur
Perdit sa force et sa jeunesse;
Et cependant, auprès de ma maîtresse,
J'avais entrevu le bonheur.
Près du ruisseau, quand nous marchions ensemble,
Le soir, sur le sable argentin,
Quand devant nous le blanc spectre du tremble
De loin nous montrait le chemin;

Te segue o tom da voz, agora.
E envolta numa luz ligeira,
Como uma visão passageira,
Que passem as sombras de outrora.

~ O Poeta

De trabalho: eis os dias que eu vivi!
Ó solidão sempre tão pura!
Louvado seja Deus: eu volto a ti,
Meu gabinete de leitura!
Pobre reduto, tudo tão diverso:
Poltronas em pó, luz difusa,
Meu palácio, meu mínimo universo,
E tu, jovem eterna, ó Musa,
Louvado seja Deus, vamos cantar!
Sim, eu quero te abrir o ser;
Saberás tudo: o mal, vou te contar
Que uma mulher pode fazer.
Porque foi uma delas, companheiros,
(Pobre de mim! podem supor)
Uma mulher, que fez-me prisioneiro
Tal como um servo a seu senhor.
Jugo infernal! Por isso é que com ela
Perdi a força e a mocidade;
No entanto, foi somente ao lado dela
Que entrevi a felicidade.
De quando íamos juntos, à torrente,
Na noite, à areia prateada;
E o vulto do arvoredado, à nossa frente,
De longe nos mostrava a estrada;

Je vois encore, aux rayons de la lune,
Ce beau corps plier dans mes bras...
N'en parlons plus... – je ne prévoyais pas
Où me conduirait la Fortune.
Sans doute alors la colère des dieux
Avait besoin d'une victime;
Car elle m'a puni comme d'un crime
D'avoir essayé d'être heureux.

~ La Muse

L'image d'un doux souvenir
Vient de s'offrir à ta pensée.
Sur la trace qu'il a laissée
Pourquoi crains-tu de revenir?
Est-ce faire un récit fidèle
Que de renier ses beaux jours?
Si ta fortune fut cruelle,
Jeune homme, fais du moins comme elle,
Souris à tes premiers amours.

~ Le Poète

Non, – c'est à mes malheurs que je prétends sourire.
Muse, je te l'ai dit: je veux, sans passion,
Te conter mes ennuis, mes rêves, mon délire,
Et t'en dire le temps, l'heure et l'occasion.
C'était, il m'en souvient, par une nuit d'automne,
Triste et froide, à peu près semblable à celle-ci;
Le murmure du vent, de son bruit monotone,
Dans mon cerveau lassé berçait mon noir souci.

Eu vejo ainda, aos raios do luar,
O seu corpo que ao meu se abria.
Mas não falemos disso... Eu não previa
Aonde a Fortuna ia levar.
Só sei que a ira dos deuses então quis
Marcar alguém que se vitime.
Pois ela me puniu como de um crime
Por ter tentado ser feliz!

~ A Musa

Doce imagem, de recordar,
À tua alma se ofereceu.
Sobre o traço que ela teceu
Por que receias retornar?
E pode um relato fiel
Negar os dias de esplendor?
Se a fortuna te foi cruel,
Faz o mesmo que essa infiel:
Sorri do teu primeiro amor.

~ O Poeta

Não: é das minhas chagas que eu pretendo sorrir.
Musa, eu te disse: eu quero, no entanto sem paixão,
Te contar minhas mágoas, meus sonhos, meu sentir,
Deles dizer o tempo, a hora e a ocasião.
Era, se bem me lembro, uma noite outonal,
Como a noite de hoje, tristonha e glacial.
O ruído do vento, monótono ruído,
Embalava meu tédio em meu crânio abatido.

J'étais à la fenêtre, attendant ma maîtresse;
Et, tout en écoutant dans cette obscurité,
Je me sentais dans l'âme une telle détresse,
Qu'il me vint le soupçon d'une infidélité.
La rue où je logeais était sombre et déserte;
Quelques ombres passaient, un falot à la main;
Quand la bise sifflait dans la porte entrouverte,
On entendait de loin comme un soupir humain.
Je ne sais, à vrai dire, à quel fâcheux présage
Mon esprit inquiet alors s'abandonna.
Je rappelais en vain un reste de courage,
Et me sentis frémir lorsque l'heure sonna.
Elle ne venait pas. Seul, la tête baissée,
Je regardai longtemps les murs et le chemin,
Et je ne t'ai pas dit quelle ardeur insensée
Cette inconstante femme allumait en mon sein;
Je n'aimais qu'elle au monde, et vivre un jour sans elle
Me semblait un destin plus affreux que la mort.
Je me souviens pourtant qu'en cette nuit cruelle
Pour briser mon lien je fis un long effort.
Je la nommai cent fois perfide et déloyale,
Je comptai tous les maux qu'elle m'avait causés.
Hélas! au souvenir de sa beauté fatale,
Quels maux et quels chagrins n'étaient pas apaisés!
Le jour parut enfin. – Las d'une vaine attente,
Sur le bord du balcon je m'étais assoupi;
Je rouvris la paupière à l'aurore naissante,
Et je laissai flotter mon regard ébloui.
Tout à coup, au détour de l'étroite ruelle,
J'entends sur le gravier marcher à petit bruit...
Grand Dieu! préservez-moi! je l'aperçois, c'est elle;

Eu esperava a amada, em minha solidão;
Mas, captando de tudo em tal escuridade,
Senti pela minh'alma uma tal depressão
Que me veio a suspeita de uma infidelidade.
A rua onde eu morava era escura e deserta;
Umbras passavam, de lanterna na mão;
Quando a brisa soprou, pela porta entreaberta,
Era como de longe ouvir um coração.
Eu não sei bem, de fato, a que infeliz miragem
Meu espírito inquieto então se abandonou.
Mas evocava em vão um resto de coragem
E me senti tremer quando a hora soou.
Ela não vinha mais. Só, de tudo descrente,
Contemplei longo tempo o caminho e o jardim,
E não te retratei qual a chama inclemente
Que esta mulher vulgar acendeu dentro em mim.
Eu só amei a ela e, sem ela, um só dia
Parecia um destino mais terrível que a morte.
E bem me lembro, ainda, que nesta noite impia
Me fiz um grande esforço para mudar a sorte.
Cem vezes a chamei pérfida e desleal,
Contei todos os males por ela me causados.
À lembrança doída da beleza fatal,
Que males e que mágoas não seriam purgados!
O dia enfim nasceu. Cansado à espera vã,
Eu cochilava triste à beira da janela;
Mas reabri os olhos para a luz da manhã
E deixei meu olhar vagando à imagem dela.
De repente, na esquina de uma estreita ruela,
Pressinto pelas pedras elevar-se um açoite.
Ó Deus, me preservai! Eu a vi: era ela.

Elle entre. — D’où viens-tu? Qu’as-tu fait cette nuit?
Réponds, que me veux-tu? qui t’amène à cette heure?
Ce beau corps, Jusqu’au jour, où s’est-il étendu?
Tandis qu’à ce balcon, seul, je veille et je pleure,
En quel lieu, dans quel lit, à qui souriais-tu?
Perfide! audacieuse! est-il encor possible
Que tu viennes offrir ta bouche à mes baisers?
Que demandes-tu donc? par quelle soif horrible
Oses-tu m’attirer dans tes bras épuisés?
Va-t’en, retire-toi, spectre de ma maîtresse!
Rentre dans ton tombeau, si tu t’en es levé;
Laisse-moi pour toujours oublier ma jeunesse,
Et, quand je pense à toi, croire que j’ai rêvé!

~ La Muse

Apaise-toi, je t’en conjure;
Tes paroles m’ont fait frémir.
O mon bien-aimé! ta blessure
Est encor prête à se rouvrir.
Hélas! elle est donc bien profonde?
Et les misères de ce monde
Sont si lentes à s’effacer!
Oublie, enfant, et de ton âme
Chasse le nom de cette femme,
Que je ne veux pas prononcer.

~ Le Poète

Honte à toi qui la première
M’as appris la trahison,

E entra. – Donde vens? Que fizeste esta noite?
 Responde: que me queres? que te traz a esta hora?
 Onde esteve este corpo deitado até agora?
 Enquanto a esta varanda eu velava e sofria,
 Em que lugar, ou em que leito, a quem sorrias?³
 Leviana! Insolente! Achas mesmo possível
 Qu'inda venhas abrir tua boca a meus beijos?
 Que pretendes então? E por que sede horrível
 Ousas ainda me atrair, sem mais desejos?
 Espectro de um amor, vai-te embora daqui!
 Se fugiste de lá, retorna ao ataúde.
 Deixa-me para sempre banir a juventude
 E crer que foi um sonho, quando pensar em ti!

~ A Musa

Acalma essa fúria incontida:
 Tua fala me faz fremir.
 Ó meu amado! Essa ferida
 Está prestes a reabrir.⁴
 Ai de ti! Isso é tão profundo?
 E as misérias do nosso mundo
 São tão lentas ao se apagar!
 Esquece. E ao fundo de teu ser
 Risca o nome dessa mulher
 Que eu nem quero pronunciar.

~ O Poeta

Vergonha! O primeiro amor
 Me ensinou o que é traição.⁵

³ A naturalidade e a fidelidade das rimas impuseram a inversão do seu esquema neste quarteto.

⁴ O primeiro quarteto desta estrofe também se apóia todo no fonema /i/ no original.

⁵ Passagem que comprova que *As noites* não se restringem à lembrança de seu drama com George Sand: ela não foi a primeira.

Et d'horreur et de colère
M'as fait perdre la raison
Honte à toi, femme à l'œil sombre,
Dont les funestes amours
Ont enseveli dans l'ombre
Mon printemps et mes beaux jours!
C'est ta voix, c'est ton sourire,
C'est ton regard corrupteur,
Qui m'ont appris à maudire
Jusqu'au semblant du bonheur;
C'est ta jeunesse et tes charmes
Qui m'ont fait désespérer
Et si je doute des larmes,
C'est que je t'ai vu pleurer.
Honte à toi, j'étais encore
Aussi simple qu'un enfant;
Comme une fleur à l'aurore,
Mon coeur s'ouvrait en t'aimant.
Certes, ce coeur sans défense
Put sans peine être abusé;
Mais lui laisser l'innocence
Était encor plus aisé.
Honte à toi! tu fus la mère
De mes premières douleurs,
Et tu fis de ma paupière
Jaillir la source des pleurs!
Elle coule, sois-en sûre,
Et rien ne la tarira;
Elle sort d'une blessure
Qui jamais ne guérira;

E de cólera e de horror
 Me fez perder a razão.
 Vergonha, mulher vadia,
 Cuja vazia quimera
 Sepultou na sombra fria
 Minha doce primavera.⁶
 Teu sorriso e tua voz,
 Teu olhar corruptor,
 Lograram tornar atroz
 Até a imagem do amor.⁷
 Tua graça e teu encanto
 Me fizeram delirar;
 E se duvido do pranto
 É porque vi-te a chorar.
 Vergonha! Feito menino,
 Eu fui um tolo, a sonhar;
 Tal um botão matutino,
 Abri minh'alma, a te amar.
 Um coração sem defesa
 Tinha que ser iludido;
 Mas lhe deixar a pureza
 Seria menos dorido.
 Vergonha! Tu me trouxeste
 O primeiro desencanto;
 E de meus olhos fizeste
 Jorrar a fonte do pranto.
 Pois sabe que jorra ainda
 E que nada a esgotará;
 Sai d'uma ferida infinda
 Que jamais se curará.

⁶“Doce” em vez de
 “bela”, presente no
 sintagma *beaux jours*:
 o tradutor quis
 preservar a
 adjetivação, no
 mesmo paradigma
 valorizante, e evitar
 o eco num sintagma
 “bela primavera”.

⁷ Única passagem
 em que o tradutor
 admite ter ficado
 algo distante, não da
 idéia geral, mas dos
 termos do original.
 O dístico final do
 quarteto diz,
 literalmente, dos três
 sujeitos (“sorriso”,
 “voz”, “olhar”)
 preservados na
 versão: “Me
 ensinaram a
 maldizer / Até o
 semblante da
 felicidade”.
 No entanto, algo
 que se maldiz
 deve ser atroz; e,
 principalmente para
 um poeta romântico,
 não há nada mais
 vinculável à
 felicidade do que
 o amor.

Mais dans cette source amère
Du moins je me laverai,
Et j'y laisserai, j'espère,
Ton souvenir abhorré

~ La Muse

Poète, c'est assez. Auprès d'une infidèle,
Quand ton illusion n'aurait duré qu'un jour,
N'outrage pas ce jour lorsque tu parles d'elle;
Si tu veux être aimé, respecte ton amour.
Si l'effort est trop grand pour la faiblesse humaine
De pardonner les maux qui nous viennent d'autrui,
Épargne-toi du moins le tourment de la haine.
— A défaut du pardon, laisse venir l'oubli.
Les morts dorment en paix dans le sein de la terre:
Ainsi doivent dormir nos sentiments éteints.
Ces reliques du cour ont aussi leur poussière;
Sur leurs restes sacrés ne portons pas les mains.
Pourquoi, dans ce récit d'une vive souffrance,
Ne veux-tu voir qu'un rêve et qu'un amour trompé?
Est-ce donc sans motif qu'agit la Providence,
Et crois-tu donc distrait le Dieu qui t'a frappé?
Le coup dont tu te plains t'a préservé peut-être,
Enfant; car c'est par là que ton cœur s'est ouvert.
L'homme est un apprenti, la douleur est son maître,
Et nul ne se connaît tant qu'il n'a pas souffert.
C'est une dure loi, mais une loi suprême,
Vieille comme le monde et la fatalité,
Qu'il nous faut du malheur recevoir le baptême,

Porém nesta fonte aflita
Ao menos me lavarei;
E é nela que deixarei
Tua lembrança maldita!⁸

⁸ V. nota 3.

~ A Musa

Basta: já chega, meu poeta. Ao lado dela,
Com quem não mais que um dia tua ilusão durou,
Não manches esse dia quando falares nela:
Se queres ser amado, respeita teu amor.
Se é muito grande o esforço, para a fraqueza humana,
De perdoar o mal que dos outros emana,
Que ao menos dessa raiva te poupes o tormento:
No lugar do perdão, que venha o esquecimento.
No íntimo da terra, os mortos dormem em paz:
Assim devem dormir amores apagados.
Cobre a poeira essas relíquias imortais,
Não ponhamos as mãos nesses restos sagrados.
Por que, ao relatar tão funda experiência,
Não queres ver senão mais um amor traído?
É sem motivo então que age a Providência?
E o Deus que te feriu estava distraído?
Foi o golpe que choras quem te deu este alento:
Foi ele quem abriu teu coração ao meu.
O homem é um aprendiz, seu mestre é o sofrimento
E não sabe quem é enquanto não sofreu.
Esta é uma lei suprema, a dura lei do jogo,
Velha como o universo e velha como o fado.
Temos que receber um batismo de fogo,

Et qu'à ce triste prix tout doit être acheté.
Les moissons pour mûrir ont besoin de rosée;
Pour vivre et pour sentir l'homme a besoin des pleurs;
La joie a pour symbole une plante brisée,
Humide encor de pluie et couverte de fleurs.
Ne te disais-tu pas guéri de ta folie?
N'es-tu pas jeune, heureux, partout le bienvenu?
Et ces plaisirs légers qui font aimer la vie,
Si tu n'avais pleuré, quel cas en ferais-tu?
Lorsqu'au déclin du jour, assis sur la bruyère,
Avec un vieil ami tu bois en liberté,
Dis-moi, d'aussi bon cœur lèverais-tu ton verre,
Si tu n'avais senti le prix de la gâité?
Aimerais-tu les fleurs, les prés et la verdure,
Les sonnets de Pétrarque et le chant des oiseaux,
Michel-Ange et les arts, Shakspeare et la nature,
Si tu n'y retrouvais quelques anciens sanglots?
Comprendrais-tu des cieux l'ineffable harmonie,
Le silence des nuits, le murmure des flots,
Si quelque part là-bas la fièvre et l'insomnie
Ne t'avaient fait songer à l'éternel repos?
N'as-tu pas maintenant une belle maîtresse?
Et, lorsqu'en t'endormant tu lui serres la main,
Le lointain souvenir des maux de ta jeunesse
Ne rend-il pas plus doux son sourire divin?
N'allez-vous pas aussi vous promener ensemble
Au fond des bois fleuris, sur le sable argenté?
Et, dans ce vert palais, le blanc spectre du tremble
Ne sait-il plus, le soir, vous montrer le chemin?
Ne vois-tu pas alors, aux rayons de la lune,

A este preço vil tudo será comprado.
 A planta, pra florir, tem que ser orvalhada;
 Pra viver e sentir, precisamos de dores.
 O signo da alegria é uma árvore cortada,
 Marejada de chuva e coberta de flores.
 Não te sentes agora curado da ferida?
 Não és jovem, feliz, bem-vindo em todo canto?
 E esses breves prazeres, que fazem amar a vida,
 O que farias deles, sem ter provado o pranto?
 Quando, ao cair da tarde, em doce comunhão,
 Junto de um velho amigo, erguerias a taça,
 Bebendo em liberdade, aberto o coração,
 Sem ter antes sentido o valor desta graça?
 Amarias as flores, os prados, a devesa,
 O cântico das aves, os versos de Petrarca,
 Miguel Ângelo e as artes, Shakespeare e a natureza,⁹
 Se neles não achasses alguma antiga marca?
 Compreenderias bem a harmonia do espaço,
 A vaga murmurante, o céu silencioso,
 Se, num lugar qualquer, com febre ou de cansaço,
 Não tivesses sonhado com o eterno repouso?
 Não tens neste momento outra amante contigo?
 E quando, adormecendo, enlaças sua mão,
 A remota lembrança de algum tormento antigo
 Não torna ainda mais doce sua doce expressão?¹⁰
 Não vais também com ela, a um passeio sem medo,
 Pelos bosques floridos, à areia prateada?
 Nesse verde palácio, o vulto do arvoredado
 Não sabe mais, à noite, mostrar a vossa estrada?
 E não vês mais então, aos raios dos luares,

⁹ Para transpor literalmente o verso e aceitá-lo em português como um alexandrino espanhol – mantendo o nome dos dois gênios citados – temos que compactar a pronúncia do segundo.

¹⁰ Um segundo “doce” em lugar de “divino”: a repetição pareceu mais expressiva, além de situado o termo no mesmo paradigma valorizante.

Plier comme autrefois un beau corps dans tes bras,
Et si dans le sentier tu trouvais la Fortune,
Derrière elle, en chantant, ne marcherais-tu pas?
De quoi te plains-tu donc? L'immortelle espérance
S'est retrempée en toi sous la main du malheur.
Pourquoi veux-tu haïr ta jeune expérience,
Et détester un mal qui t'a rendu meilleur?
O mon enfant! plains-la, cette belle infidèle,
Qui fit couler jadis les larmes de tes yeux;
Plains-la! c'est une femme, et Dieu t'a fait, près d'elle,
Deviner, en souffrant, le secret des heureux.
Sa tâche fut pénible; elle t'aimait peut-être;
Mais le destin voulait qu'elle brisât ton cœur.
Elle savait la vie, et te l'a fait connaître;
Une autre a recueilli le fruit de ta douleur.
Plains-la! son triste amour a passé comme un songe;
Elle a vu ta blessure et n'a pu la fermer.
Dans ses larmes, crois-moi, tout n'était pas mensonge.
Quand tout l'aurait été, plains-la! tu sais aimer.

~ Le Poète

Tu dis vrai: la haine est impie,
Et c'est un frisson plein d'horreur
Quand cette vipère assoupie
Se déroule dans notre cœur.
Écoute-moi donc, ô déesse!
Et sois témoin de mon serment
Par les yeux bleus de ma maîtresse,
Et par l'azur du firmament;

Se aninhar como antes um corpo nos teus braços?
E se, numa vereda, a Fortuna encontrares,
Atrás dela, cantando, não seguirás seus passos?
Que reclamas, agora? A esperança infinita
Realimentou-se em ti pela mão da desdita.
Por que odiar assim tua provação maior
E condenar um mal que te tornou melhor?
Ó meu menino! Chora-a, esta infiel tão bela,
Que aos olhos te deixou tão fundas cicatrizes.
Chora-a! É uma mulher. E Deus te fez, por ela,
Desvendar, a sofrer, o trunfo dos felizes.
Seu fardo foi penoso; ela talvez te amasse,
E o destino não quis que ela te desse o amor.
Sabia ela da vida e revelou-te a face
Mas outra é que colheu o fruto dessa dor.
Chora-a! Seu triste amor passou como visão.
Ela viu-te a ferida e a não pôde fechar.
Pelas lágrimas dela, não foi uma ilusão.
Ao fim, chora por ela. Tu já sabes amar.

~ O Poeta

Tens razão: a raiva é inclemente.
Pleno de horror, é uma irrisão
Quando esta víbora dormente
Se revolve no coração.
Ó minha deusa, faz-me jus
E testemunha o juramento:
Por seus belos olhos azuis
E pelo azul do firmamento;

Par cette étincelle brillante
Qui de Vénus porte le nom,
Et, comme une perle tremblante,
Scintille au loin sur l'horizon;
Par la grandeur de la nature,
Par la bonté du Créateur,
Par la clarté tranquille et pure
De l'astre cher au voyageur,
Par les herbes de la prairie,
Par les forêts, par les prés verts,
Par la puissance de la vie,
Par la sève de l'univers,
Je te bannis de ma mémoire,
Reste d'un amour insensé,
Mystérieuse et sombre histoire
Qui dormiras dans le passé!
Et toi qui, jadis, d'une amie
Portas la forme et le doux nom,
L'instant suprême où je t'oublie
Doit être celui du pardon.
Pardonnons-nous; – je romps le charme
Qui nous unissait devant Dieu.
Avec une dernière larme
Reçois un éternel adieu.
– Et maintenant, blonde rêveuse,
Maintenant, Muse, à nos amours
Dis-moi quelque chanson joyeuse,
Comme au premier temps des beaux jours.
Déjà la pelouse embaumée
Sent les approches du matin;

Por esta centelha luzente
Que Vênus carrega na frente
E, como pérola tremente,
Cintila ao longe no horizonte;
Pelo esplendor da natureza,
Pela bondade do Criador,
Pela luz e pela pureza
Do astro caro ao viajor;¹¹
Por esta campina florida
E pelo prado mais fecundo;
Pelo vigor de nossa vida
E pela seiva deste mundo:
Eu vou te banir da memória,
Resto de um amor ultrajado,
Misteriosa e turva história
Que dormirá no meu passado!
E a ti, por um breve momento,
Amiga em nome e coração,
A hora vital do esquecimento
Será também a do perdão.
Nos perdoemos: rompo o encanto
Que nos uniu diante de Deus.
E com este derradeiro pranto
Recebe meu eterno adeus.
– E agora, anjo sonhador,
Agora, Musa, ao nosso amor!¹²
Canta-me uma canção feliz,
Como em dias primaveris.
Que logo a relva perfumada
Desta manhã sinta os albores.

¹¹ Perífrase para designar a lua.

¹² Um novo amor: não mais pela mulher infiel, mas pela musa, isto é, pela poesia. O poeta não vai mais parar de escrever.

Viens éveiller ma bien-aimée,
Et cueillir les fleurs du jardin.
Viens voir la nature immortelle
Sortir des voiles du sommeil;
Nous allons renaître avec elle
Au premier rayon du soleil!

Vem despertar a minha amada
E no jardim colher as flores.
Vem ver a natureza, bela,
Despontando neste arrebol;
E vamos renascer com ela
Ao primeiro raio do sol!¹³

¹³ Destacados pelo travessão introdutor, os três últimos quartetos – plenos de alegria a assinalar a ressurreição do poeta – estabelecem um expressivo contraponto, em soberba oposição com o clima geral da obra: o sol (prazer de viver) explode no final, encerrando as noites (ociosidade e depressão).

A crítica considera que as quatro noites, sugerindo uma idéia de totalidade, correspondem às quatro estações europeias: a de maio, à primavera; a de agosto, ao verão; a de outubro, ao outono; a de dezembro, ao inverno – razão pela qual o poeta teria excluído a de junho (e também uma de julho, que deve ter-se transformado na de outubro). Cf. a edição de Maurice Allem, na “Bibliothèque de la Pléiade”: *Poésies complètes*. Paris, Gallimard, 1957.

Souvenir

J'espérais bien pleurer, mais je croyais souffrir
En osant te revoir, place à jamais sacrée,
O la plus chère tombe et la plus ignorée
Où dorme un souvenir!

Que redoutiez-vous donc de cette solitude,
Et pourquoi, mes amis, me preniez-vous la main,
Alors qu'une si douce et si vieille habitude
Me montrait ce chemin?

Saudade

A meus ex-alunos
das universidades Stendhal de Grenoble
 e *Blaise Pascal de Clermont-Ferrand*;
 às professoras
Anne-Marie Pascal e Jacqueline Penjon;
 e a *Bárbara de Lacerda*.

Sabia que ia chorar, por esta dor enorme,¹
 Ousando retornar a esta quadra querida,
 A tumba mais amada, a tumba mais perdida,
 Onde a saudade dorme.

Por que temer então por esta nova pena,
 Meus amigos, por que tomar a minha mão,
 Se uma lembrança assim, tão antiga e serena,
 Me dava a direção?

“Souvenir” foi escrito no princípio de fevereiro de 1841 (portanto bem depois da ruptura) após um encontro casual com George Sand num teatro, mas motivado mesmo por um retorno do poeta a Fontainebleau, nos arredores de Paris, onde eles viveram belos dias no início do seu relacionamento e onde o drama dele começou. Publicado logo após na *Revue des Deux Mondes* de 15.2.1841.

Ele fecha o ciclo de George e encerra o caso. É sempre associado a “Le lac” de Lamartine e “Tristesse d’Olympio” de Hugo, por exploraram o mesmo tema da evocação de um amor perdido – todos três, entre os mais belos poemas de saudade amorosa de todas as literaturas. No grupo, eu incluiria o “20.º poema de amor” de Pablo Neruda.

Como se percebe, essa revista publicava imediatamente as produções do poeta. Aliás, foi num jantar oferecido por ela a seus colaboradores, a 19.6.1833, que ele conheceu George Sand.

¹ Na versão deste poema, o tradutor não sentiu necessidade de recorrer ao alexandrino espanhol, mas apenas a uns poucos empregos da eclipse e a algumas rimas apenas toantes.

Les voilà, ces coteaux, ces bruyères fleuries,
Et ces pas argentins sur le sable muet,
Ces sentiers amoureux, remplis de causeries,
Où son bras m'enlaçait.

Les voilà, ces sapins à la sombre verdure,
Cette gorge profonde aux nonchalants détours,
Ces sauvages amis, dont l'antique murmure
A bercé mes beaux jours.

Les voilà, ces buissons où toute ma jeunesse,
Comme un essaim d'oiseaux, chante au bruit de mes pas.
Lieux charmants, beau désert où passa ma maîtresse,
Ne m'attendiez-vous pas?

Ah! laissez-les couler, elles me sont bien chères,
Ces larmes que soulève un cœur encor blessé!
Ne les essuyez pas, laissez sur mes paupières
Ce voile du passé!

Je ne viens point jeter un regret inutile
Dans l'écho de ces bois témoins de mon bonheur.
Fière est cette forêt dans sa beauté tranquille,
Et fier aussi mon cœur.

Que celui-là se livre à des plaintes amères,
Qui s'agenouille et prie au tombeau d'un ami.
Tout respire en ces lieux; les fleurs des cimetières
Ne poussent point ici.

Voyez! la lune monte à travers ces ombrages.
Ton regard tremble encor, belle reine des nuits;

As colinas aí, as charnecas em flor
E o passo tão nervoso à areia que eu pisava;
E, repletas de eco, as veredas do amor
 Onde ela me abraçava.

E aí os pinheirais, com seu verdor escuro;
Esta senda profunda e suas doces vias;
E os amigos de então, cujo velho murmúrio
 Berçou meus belos dias.

E também a floresta, onde o tempo do amor,
Como aves num enxame, ecoa o meu passar.
Encantado deserto, onde ela perpassou,
 Já não vais me abrigar?

Ah! deixai-as correr, elas me são bem-vindas,
Lágrimas que revolvem um peito lacerado.
Não as enxuguem, não: deixem-me ao rosto ainda
 Este véu do passado.

Eu não venho lançar um lamento banal
Aos ecos deste bosque onde floriu meu bem.
Ele deve orgulhar-se a seu porte ideal.
 Meu coração também.

Pode se abandonar aos queixumes estéreis
Quem se ajoelha e reza à tumba de um amigo.
Aqui, tudo respira: a flor dos cemitérios
 Não brota neste abrigo.

Olha: através da sombra alevanta-se a lua.
Teu olhar treme ainda, ó sílfide das trevas.

Mais du sombre horizon déjà tu te dégages,
Et tu t'épanouis.

Ainsi de cette terre, humide encor de pluie,
Sortent, sous tes rayons, tous les parfums du jour;
Aussi calme, aussi pur, de mon âme attendrie
Sort mon ancien amour.

Que sont-ils devenus, les chagrins de ma vie?
Tout ce qui m'a fait vieux est bien loin maintenant;
Et rien qu'en regardant cette vallée amie
Je redeviens enfant.

O puissance du temps! ô légères années!
Vous emportez nos pleurs, nos cris et nos regrets;
Mais la pitié vous prend, et sur nos fleurs fanées
Vous ne marchez jamais.

Tout mon cœur te bénit, bonté consolatrice!
Je n'aurais jamais cru que l'on pût tant souffrir
D'une telle blessure, et que sa cicatrice
Fût si douce à sentir.

Loin de moi les vains mots, les frivoles pensées,
Des vulgaires douleurs linceul accoutumé,
Que viennent étaler sur leurs amours passées
Ceux qui n'ont point aimé!

Dante, pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans les jours de douleurs?
Quel chagrin t'a dicté cette parole amère,
Cette offense au malheur?

No sombrio horizonte aponta a imagem tua
E mais e mais te elevas.

Do íntimo da terra, ainda marejada,
Por teus raios refluem os perfumes da hora.
E da alma enternecida, agora apaziguada,
Flui meu amor de outrora.

Em que se transformaram as chagas desta vida?
Tudo que me prostrou já lá me vai distante.
E ao contemplar assim esta várzea querida
Eu me torno um infante.

Ó tirania do tempo! Ó horas vaporosas!
Vós nos levais o pranto, os lamentos e os ais.
Mas o dó vos detém: por nossas murchas rosas
Não passareis jamais.

Consolante doçura! Esta alma te bendiz.
Nunca pensei que alguém fosse sofrer assim
Por uma tal ferida, e que essa cicatriz
Fosse tão doce enfim.

Longe – palavras vãs, pensamentos fanados,
Ordinária mortalha a males que passaram;
E que vêem exhibir, sobre amores falhados,
Esses que não amaram.²

Dante, por que dizer não há maior tortura
Que lembrança feliz em dias de amargura?³
Que mágoa te ditou u'a sentença tão dura,
Ofensa à desventura?⁴

² Estrofe original rimando toda no fonema /ê/; tradução toda em /a/.

³ Grave contestação de Musset à mais famosa passagem da *Divina comédia*, onde Dante afirma que não há suplício maior que recordar-se da felicidade na desgraça (“Nessun maggior dolore / Que ricordarsi del tempo felice / Nella miseria” (“Inferno”, canto V, v. 121-123). Trecho da fala de Francesca de Rimini ao narrador: flagrada na cama com Paolo Malatesta, o marido traído os trespassou com uma espada.
⁴ Estrofe original rimando toda no fonema /ê/; tradução toda em /u/. Ofensa à desventura porque esta é uma das maiores fontes da poesia.

En est-il donc moins vrai que la lumière existe,
Et faut-il l'oublier du moment qu'il fait nuit?
Est-ce bien toi, grande âme immortellement triste,
Est-ce toi qui l'as dit?

Non, par ce pur flambeau dont la splendeur m'éclaire,
Ce blasphème vanté ne vient pas de ton cœur.
Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

Eh quoi! l'infortuné qui trouve une étincelle
Dans la cendre brûlante où dorment ses ennuis,
Qui saisit cette flamme et qui fixe sur elle
Ses regards éblouis;

Dans ce passé perdu quand son âme se noie,
Sur ce miroir brisé lorsqu'il rêve en pleurant,
Tu lui dis qu'il se trompe, et que sa faible joie
N'est qu'un affreux tourment!

Et c'est à ta Française, à ton ange de gloire,
Que tu pouvais donner ces mots à prononcer,
Elle qui s'interrompt, pour conter son histoire,
D'un éternel baiser!

Qu'est-ce donc, juste Dieu, que la pensée humaine,
Et qui pourra jamais aimer la vérité,
S'il n'est joie ou douleur si juste et si certaine
Dont quelqu'un n'ait douté?

Comment vivez-vous donc, étranges créatures?
Vous riez, vous chantez, vous marchez à grands pas;

É menos verdadeiro então que a luz existe?
 E a precisa esquecer, só porque morre o dia?
 E foste tu, grande alma imortalmente triste,
 Aquela que o diria?

Mas não: por esta luz de esplendor ideal,
 Não farias à infâmia um louvor de verdade.
 A lembrança feliz é talvez mais real
 Do que a felicidade.⁵

E então! Ao infeliz que encontra uma fáisca
 Naquela ardente cinza onde dorme o passado,
 E que apanha esta chama e contra ela arrisca
 Seu olhar fascinado;

Quando a alma se esvai no passado perdido
 E ao espelho quebrado ainda sonha chorando,
 Dirás que ela se engana e que o prazer fruído
 É um suplício nefando!

E foi à tua Francesca, a teu anjo de glória,
 Que fizeste dizer tais palavras, sem pejo?
 Ela, que interrompeu aquela triste história
 Com aquele eterno beijo?⁶

O que é então, meu Deus, o humano pensamento,
 E quem conseguiria a verdade prezar,
 Se não for justo e certo, alegria ou tormento,
 Sem ter que duvidar?

Como viver então, estranhas criaturas?
 Vocês sorriem, cantam, e distraídos vão.

⁵ Estrofe original rimando toda no fonema /é/; tradução toda em /a/. O dístico final é um dos mais elevados do poeta e expressa uma profunda verdade psicológica, que desloca o conceito de Dante do campo da sensação para o da substância, qualquer que seja a circunstância afetiva da recordação.
⁶ V. nota 3. Referência ao famoso beijo dos amantes, que interrompe a leitura do livro que ambos liam, induzidos por uma passagem em que os personagens se beijavam. Mesmo canto, v. 133-136.

Le ciel et sa beauté, le monde et ses souillures
Ne vous dérangent pas;

Mais, lorsque par hasard le destin vous ramène
Vers quelque monument d'un amour oublié,
Ce caillou vous arrête, et cela vous fait peine
Qu'il vous heurte le pié.

Et vous criez alors que la vie est un songe;
Vous vous tordez les bras comme en vous réveillant,
Et vous trouvez fâcheux qu'un si joyeux mensonge
Ne dure qu'un instant.

Malheureux! cet instant où votre âme engourdie
A secoué les fers qu'elle traîne ici-bas,
Ce fugitif instant fut toute votre vie;
Ne le regrettez pas!

Regrettez la torpeur qui vous cloue à la terre,
Vos agitations dans la fange et le sang,
Vos nuits sans espérance et vos jours sans lumière
C'est là qu'est le néant!

Mais que vous revient-il de vos froides doctrines?
Que demandent au ciel ces regrets inconstants
Que vous allez semant sur vos propres ruines,
A chaque pas du Temps?

Oui, sans doute, tout meurt; ce monde est un grand rêve,
Et le peu de bonheur qui nous vient en chemin,
Nous n'avons pas plus tôt ce roseau dans la main,
Que le vent nous l'enlève.

O céu e sua beleza, o mundo e suas feiúras
Não os afetam, não.

Mas quando, por acaso, o destino os devolve
De um já passado amor a uma glória qualquer,
Esta pedra os detém; e os de tal sorte envolve
Que lhes machuca o pé.

E vocês bradam então que a vida é uma miragem,
Braços a retorcer, como quem renascia.
E ficam a condenar que tão doce voragem
Dure somente um dia.

Infelizes! O instante em que a alma foi despida
Desatou os grilhões que este mundo lhe impôs.
Esse instante fugaz foi toda a sua vida:
Não o lamentem, pois.

Lamentem o torpor que os encadeia ao chão;
Por entre o lodo e o sangue, essa busca agitada;
Noites sem um sonhar, dias sem um clarão:
Isso é que é o nada.

O que lhes advém dessas frias doutrinas?
O que implora dos céus esse vago lamento
Que semeiam aí, sobre as próprias ruínas,
Pelo fluir do Tempo?

Por certo, tudo morre: o mundo é uma ilusão.
E o pouco de ventura havida num momento
É tal como um caniço: assim que em nossa mão,
Evolva-se no vento.

Oui, les premiers baisers, oui, les premiers serments
Que deux êtres mortels échangèrent sur terre,
Ce fut au pied d'un arbre effeuillé par les vents,
Sur un roc en poussière.

Ils prirent à témoin de leur joie éphémère
Un ciel toujours voilé qui change à tout moment,
Et des astres sans nom que leur propre lumière
Dévore incessamment.

Tout mourait autour d'eux, l'oiseau dans le feuillage,
La fleur entre leurs mains, l'insecte sous leurs piés,
La source desséchée où vacillait l'image
De leurs traits oubliés;

Et sur tous ces débris joignant leurs mains d'argile,
Étourdis des éclairs d'un instant de plaisir,
Ils croyaient échapper à cet Être immobile
Qui regarde mourir!

– Insensés! dit le sage. Heureux! dit le poète.
Et quels tristes amours as-tu donc dans le cœur,
Si le bruit du torrent te trouble et t'inquiète,
Si le vent te fait peur?

J'ai vu sous le soleil tomber bien d'autres choses
Que les feuilles des bois et l'écume des eaux,
Bien d'autres s'en aller que le parfum des roses
Et le chant des oiseaux.

Mes yeux ont contemplé des objets plus funèbres
Que Juliette morte au fond de son tombeau,

Os beijos do princípio e até os juramentos
Que dois seres mortais trocaram pela vida
Foram junto a uma planta esfolhada dos ventos
Sobre rocha puída.

E eles tomaram então, dessa breve alegria,
Por testemunha os céus, velados e mutantes;
E alguns astros sem nome, e de luz fugidia,
Que a devoram, incessantes.

Em torno, tudo é morto: a ave na folhagem,
Um inseto a seus pés, em suas mãos a flor;
A fonte ressequida, onde tremia a imagem
De seus traços sem cor.

E pondo nesse resto a sua mão sensível,
Tontos pelos clarões de uma hora de prazer,
Eles pensam escapar a este Ser impassível
Que os contempla morrer.

– Tolos! O sábio diz. – Felizes! O poeta.
E que tão triste amor reténs no pensamento,
Se a torrente a gemer te atormenta e te inquieta,
Se te dá medo o vento?

Algumas coisas, sob o sol, eu vi tombarem,
Como as folhas da mata e as espumas do mar;
E muitas outras mais também se dissiparem
Como o aroma no ar.

Também já contemplei objetos mais funestos
Que Julieta morta ao íntimo do breu;

Plus affreux que le toast à l'ange des ténèbres
Porté par Roméo.

J'ai vu ma seule amie, à jamais la plus chère,
Devenue elle-même un sépulcre blanchi,
Une tombe vivante où flottait la poussière
De notre mort chéri,

De notre pauvre amour, que, dans la nuit profonde,
Nous avions sur nos cœurs si doucement bercé!
C'était plus qu'une vie, hélas! c'était un monde
Qui s'était effacé!

Oui, jeune et belle encor, plus belle, osait-on dire,
Je l'ai vue, et ses yeux brillaient comme autrefois.
Ses lèvres s'entrouvraient, et c'était un sourire,
Et c'était une voix;

Mais non plus cette voix, non plus ce doux langage,
Ces regards adorés dans les miens confondus;
Mon cœur, encor plein d'elle, errait sur son visage,
Et ne la trouvait plus.

Et pourtant j'aurais pu marcher alors vers elle,
Entourer de mes bras ce sein vide et glacé,
Et j'aurais pu crier: "Qu'as-tu fait, infidèle,
Qu'as-tu fait du passé?"

Mais non: il me semblait qu'une femme inconnue
Avait pris par hasard cette voix et ces yeux;
Et je laissai passer cette froide statue
En regardant les cieux.

Mais horrendos que o brinde ao anjo dos desertos
Erguido por Romeu.

Vi minha única amante, e sempre a mais amada,⁷
Transformar-se ela mesma em sepulcro absorto
Onde flutuava o pó, em tumba esbranquiçada
Do nosso caro morto,

Do nosso pobre amor, que no idílio profundo
Berçamos docemente em nosso coração.
Era mais que uma vida, ai de nós! era um mundo
Que se desfez em vão.

Eu a vi: jovem, linda, e ainda bem mais linda.
Os olhos a brilhar – como antes, como sóis.
Os lábios a se abrir – e era um sorriso ainda,
E ainda era uma voz.

Mas não mais esta voz, esta doce linguagem,
Este adorado olhar confundido com o meu.
Ainda pleno dela, eu busquei sua imagem
Que não me apareceu.

E eu avancei então em direção a ela,
Pra nos braços cingir o seu seio gelado.
E pude lhe gritar: “Que fizeste, infiel,
Que fizeste ao passado?”

Mas não: me pareceu que uma desconhecida
Assumira ao acaso essa voz e esse olhar.
E deixei que passasse essa estátua transida,
Olhando para o ar.

⁷ *A mais amada:*
não por ele,
claro, pois que
lhe era a única, e
sim mais do que
todas as outras
ou mais por ele
do que por
qualquer outro.

Eh bien! ce fut sans doute une horrible misère
Que ce riant adieu d'un être inanimé.
Eh bien! qu'importe encore? O nature! ô ma mère!
En ai-je moins aimé?

La foudre maintenant peut tomber sur ma tête;
Jamais ce souvenir ne peut m'être arraché!
Comme le matelot brisé par la tempête,
Je m'y tiens attaché.

Je ne veux rien savoir, ni si les champs fleurissent;
Ni ce qu'il adviendra du simulacre humain,
Ni si ces vastes cieux éclaireront demain
Ce qu'ils ensevelissent.

Je me dis seulement: "A cette heure, en ce lieu,
Un jour, je fus aimé, j'aimais, elle était belle.
J'enfouis ce trésor dans mon âme immortelle,
Et je l'emporte à Dieu!"

Por certo que isto foi uma funda tristeza,
Este ridente adeus de um ser inanimado.
E o que me importa agora? Ó santa natureza!
Tenho menos amado?

Que tombe em minha frente um corisco letal:
A lembrança jamais me sairá da mente.
Estou, como o marujo atado a um vendaval,
Cativo, eternamente.

Não quero mais saber se os campos florirão;
Do simulacro humano, o que resultará;
Nem se estes vastos céus amanhã mostrarão
O que ocultam por lá.

Apenas digo: “Aqui, neste lugar, outrora,
Amei – e ela era bela; amou-me – e foi fatal.
Enterro este tesouro em minh’alma imortal
E a Deus entrego agora”.⁸

⁸ A primeira e a última estrofes apresentam rimas interpoladas; as outras, cruzadas. Para uma visão plena da vida e da obra do poeta, ver a extraordinária biografia crítica de Frank Lestringant: *Musset*. Paris, Flammarion, 1999. Coleção “Grandes Biographies”, 800 págs. Agradeço a indicação à professora Ilda M. dos Santos.